

PUBLICADA POR

JOÃO MARIA AUGUSTO CASTELLAN

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA

—DO—

RIO DE JANEIRO

PARTE III.

**VIAGEM DE 148 LEGUAS, DESDE O CASAL
DO REGAPÉ NA PROVINCIA DA BAHIA,
ATÉ Á CIDADE DE OURO PRETO, CAPI-
TAL DE MINAS GERAES.**

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

REPORT OF THE

COMMISSION ON

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PHYSICS DEPARTMENT
REPORT OF THE
COMMISSION ON

A VIAGEM DE PATRONI.

CAPITULO XII.

**PARTIDA DO REGAPÉ'. O SR. MOREIRA
CAÇADOR DE PERDIZES COM ARTE.
MINERAÇÃO DE AMETHYSTAS. RE-
GISTO DO RIO PARDO. O ABRAHÃO
BRASILEIRO.**

Já os animaes tinham descansado tempo sufficiente para podermos com elles proseguir, nossa jornada: o Sr. Clemente Alves havia já feito os arranjos precisos com aquella grandeza, propria do seu genio e caracter officioso; seus domesticos que deviam seguir-me na sua tropa até ao arraial do Rio Pardo, já tinham recebido suas ordens respectivas. Assim, nada mais faltando, com magoa bastante nos despedimos da gente do Regapé, e saímos no dia quinze de Janeiro de 1830; acompanhados por

meu hospede, seu cunhado, e o Sr. Bento, os quaes não cessando de nos procurar todos os agrados, quizeram dar-nos ainda um espectaculo interessante, fazendo desta jornada até o Salto das Pedras cinco legoas, uma caçada de perdizes, em que o Sr. Clemente Alves era tão perito e habil, que manejava a espingarda com ambas as mãos e nunca perdeu um só tiro. Havia por alli um cidadão muito honrado (era o Sr. Moreira), homem maduro, que roçava já nos seus cincoenta; elle se presava de saber a fundo as regras e preceitos da arte venatoria, e podia bem ter exercido o nobilissimo cargo de monteiro mór em França, se vivera no tempo d'El-Rei Pepino. Sabia além disto musica vocal e instrumental; cantava a ladainha como um donato da Cartuxa; e tocava violla como Thimoteo o Thebano, de quem dizem, fazia o que queria de Alexandre Magno com os dois sons frigio e dorico de sua chitara encantadora e feiticeira. Este insigne caçador e muzico, o Sr. Moreira nos fez por tanto a honra de sua compa-

nhia na caçada ; mas nunca deu um só tiro porque nunca as perdizes lhe voaram segundo as regras e preceitos da arte. Meu hospede, que aliás não caçava com arte, mas que nem por isso deixava de matar sempre aquellas aves, não podia supportar o riso todas as vezes, que olhava para a catadura do Sr. Moreira, e um tiro dado, uma perdiz morta, era sempre um principio de contestação a respeito dos axiomas venatorios, disputando o Sr. Moreira com tanto fogo, vivacidade, e ardor, que parecia um peripatetico endemoninhado a argumentar sobre os universaes e cathegorias d' Aristóteles.

Com esta brincadeira levámos o dia todo, e era já quasi noite, quando chegámos ao Salto das Pedras. Meu hospede tinha aqui um estabelecimento de mineração a cargo de seu cunhado o Sr. José Francisco, e de seu socio o Sr. Joaquim Pereira ambos os quaes nos fizeram a honra da hospedagem. A cêa foi lauta e divertida : brindámos muitas vezes aos preceitos e regras venatorias do Sr. Mo-

reira, o qual entretanto não teria comido perdiz aquella noite, se meu hospede não fôra tão ignorante dessa sciencia, que o Sr. Moreira tanto nos elogiava, e cujos preceitos nunca elle pôde executar com algum proveito seu e nosso. Na manhã seguinte eu fui examinar os diversos trabalhos de mineração. O arraial consta apenas de humildes casas de palha; fica no valle formado por uma alta montanha de rocha dura e escarpada; nas entranhas desta pedra é que está a mina das amethystas, descoberta e lavrada pela primeira vez no anno de 1812. As rochas são as melhores porque sua côr e polimento são naturaes; e as amarellas havendo sido christaes brancos em sua origem, contraem no fogo a côr deste alimento. Grande foi n'outro tempo a exportação deste genero para a França pelos portos da Bahia e Rio de Janeiro; seu commercio porém diminuiu muito, depois que os diamantes se vulgarisaram na serra do Grão Magou, e se desprenderam daquelles immensos obstáculos, com que uma politica nes-

cia, absurda, despotica, e cega, arruinava familias inteiras por uma simples denuncia dada na Intendencia do Tejuco contra um homem, que achava um grão de diamante, e queria tirar proveito delle. Meu hospede e seus illustres companheiros nos seguiram ainda meia legoa além dos Saltos das Pedras; separámo-nos por fim, e eu trouxe comigo saudades immensas, que o tempo e os successos não tem podido apagar. Não foram os divertimentos e recreios do Regapé, que fizeram em minha alma tanta impressão: a amisade, a candura, os bons officios de sinceridade são dadivas mais preciosas, de que só póde fazer apreço um homem, que ama a solidão e gosta de viver no retiro, entregue sómente á meditação da natureza.

Nesse dia (dezeseis de Janeiro) andámos cinco legoas, e fomos pousar já dentro dos limites da Provincia de Minas Geraes na bella fazenda, chapada *lagôa do Coelho* pertencente ao Sr. *Gabriel*, clérigo secular, e rico lavrador, que n'outro tempo exerceu as

funções de parócho no arraial do Rio Pardo. Que boa laja de homem! Mostrou bastante complacencia com a minha chegada, porque (dizia elle) já fallava com gente que sabia dar razão de seus ditos e das cousas do mundo. Tratou-me além disto com a maior franqueza possível, e não querendo reserva alguma, teve a bondade de me abrir sua despensa, cosinha, e refeitório, deixando inteiramente ao meu arbitrio e escolha a materia e fórma do sacramento da cêa. Eu julguei celebravamos a quinta feira *in cena Domini*, que é dia de jejum; e por isso escolhi bacalhau com repolho, suspirando, havia tempo, por um prato de peixe salgado, do que sou assás apaixonado. O Sr. Gabriel nos fez as honras da mesa, e não fiquei pouco surprehendido de encontrar naquellas alturas um vinho muito generoso, de que abunda sempre com providencia a adega de casa. No dia seguinte depois da missa que nosso hospede celebrou no seu oratório tivemos almoço de excellente vitella. O Sr. Gabriel é franco

e grandioso nas suas hospedagens; e posto receba com agasalho a todos os passageiros indistinctamente não podemos com tudo deixar de lhe agradecer os disvellos distinctos com que nos obsequiou. Saímos da lagôa do Coelho, e fazendo diariamente uma jornada de cinco legoas, conforme as distancias dos pousos, entrámos no arraial do Rio Pardo pelas oito horas da noite de vinte e um de Janeiro de 1830; dia fatal, que teve de ser origem de successos desastrosos em consequencia do meu transito naquelle registo, avesado de longos tempos a toda a especie de vexações, fraudes, violencias, e despotismo contra todos os viajantes, sendo cousa mui digna de pasmar, que alli tenham passado muitos magistrados territoriaes, e que nenhum delles tenha descoberto, e extirpado os abusos criminosos, que eu encontrei e fiz exforços para corrigir, a despeito dos meus interesses, reputação, e socego. Já no dia antecedente na fazenda de S. Bartholomeu nos tinham dito, que a gente do registo costumava

prender todos os passageiros que entravam de noite, com receio de que não passassem o arraial sem terem pago os respectivos direitos, que devessem pagar de suas fazendas, ou escravos. Eu não podia crer semelhante fenomeno, que equivalia bem a uma eterna suspensão de garantias civis e constitucionaes: entretanto com a minha chegada, constando-me que só por mera graça e favor do commandante e administrador, foi que se me consentiu dormir aquella noite no meu alojamento fóra do quartel do registo, verifiquei o facto, e soube demais disso, que quatro dias antes tinha alli sido preso o Sr. Lage, rico negociante e lavrador daquelle logar, só pelo motivo de haver entrado de noite. Na manhã seguinte de vinte e dois do mez fui visitado por todos os cidadãos mais respeitaveis do arraial excepto o administrador do registo Manoel Pereira Rodrigues de Araujo. Este homem veio de Portugal em companhia de seu pai, que era criado de João José Lopes Mendes Ribeiro,

Secretario, e depois Presidente da Provincia de Minas Geraes. Sem educação nem luzes algumas e com bastante altivez e orgulho, elle é tão insolente como todos, quanto submisso e humilde com seus superiores. Mania esta de sevandijas adutores, e d'espotas ferozes; quando subditos, fazem-se vermes e reptis, mas quando authoridades, não ha quem os possa soffrer: villões que foram, sempre mostram que o são. O commandante da tropa de primeira linha, que guarnece o registo foi tambem cortejar-me, e fallando-se a respeito dos impostos de escravos, pedi-lhe que me fizesse vêr as leis, ordens, e instrucções, que regulavam a exacção daquelle tributo, a fim de me esclarecer sobre as dividas que tinha, pois não podia conhecer que houvesse lei ou ordem alguma da junta de fazenda, que decretasse pagamento de direitos de escravos de serviço e uso do viajante, só porque entravam no territorio da provincia de Minas. Despediu-se o commandante, e d'ahi a pouco remetteu-

me com effeito um livro manuscripto e dentro delle alguns papeis avulsos: o livro e os papeis continham todas as ordens e provisões, pelas quaes se regulava a arrecadação dos impostos naquelle régisto. Qual foi porém minha admiração e surpresa, quando li, reli, e devorei quatro vezes o livro e os papeis sem jámais encontrar uma só ordem, que mandasse cobrar direitos de escravos de uso, mas antes achei um requerimento da propria letra do administrador, no qual confessa á junta de fazenda em 1822, que o archivo do seu registo nunca teve ordem para cobrar taes direitos, mas que elle administrador sempre os exigiu e cobrou não obstante ser isso contra a pratica do registo da Malhada, onde escravos ladinos e de uso nunca pagaram direitos!!

A' vista de tão claros documentos, escrevi uma arenga juridica para resolver a questão, depusitei o dinheiro no juizo de paz, e queria entrar em téla judiciaria: o administrador porém não esteve nunca pelos autos, fez um espa-

Finalmente, poz a tropa em armas, ordenou ao juiz de paz que lhe mandasse a quantia depositada, e decidiu por fim todas as duvidas, proferindo em ultima instancia sua sentença de pólvora e bala, que eu me não dispuz a embargar. O leitor curioso achará no fim desta obra o papel que escrevi a respeito da questão e que enviei ao administrador. Os excessos e abusos do registo do Rio Pardo eram tão graves, que não posso dispensar-me de referir alguns. O Rio Verde, que é estreito e pequeno, serve de limite ás duas provincias da Bahia e Minas: alguns dos seus habitantes tem terras de uma e outra margem, pois que o rio é limite das provincias, e não marco das fazendas e campos. Ora não ha cousa mais natural do que estar sempre o gado e a gente a passar d'um lado para outro. O registo, apenas topa no territorio mineiro um escravo do Sr. Baiano, isto é, do Sr. que mora na outra banda do rio, prende-o e assim o conserva, ou vende em hasta publica, em quanto seu dono não

apparece a pagar por elle 7 \$ 800 rs.; se é crioulo, ou 12 \$ 800 rs., se é africano; e isto, seja qual fôr o motivo que a tenha levado o mesmo escravo, ou fosse passear, negociar, e ouvir missa, ou fosse buscar alguma rez, que havia passado o rio. Factos desta natureza são muitos, e mais de um morador do rio Verde tem pegado em armas para se defender de tão violentos salteadores. A Sr.^a D. Clara proprietaria da fazenda da Tabua, na freguezia do Rio Pardo, foi certo dia de festa ouvir missa no arraial, levando consigo duas pequenas escravas que alli entravam pela primeira vez. O registo por tanto obrigou-a a pagar 7 \$ 800 rs. por cada uma, saindo-lhe bem caro o cumprimento de um dever tão religioso e santo, qual é com effeito de ouvir missa em um dia solemne consagrado ao culto da Divindade.

O arraial do Rio Pardo é bom em tudo, excepto no registo, e se não fôra este cofre de Pandora, o arraial estava hoje feito uma grande e opulenta ci-

dade. Os tropeiros e negociantes baianos tem fugido daquella estrada para se não exporem a precipitarem-se com similhante gente, que não tem rei nem roque, e que á força d'armas commettem sempre os mais enormes desatinos posto que nem o commandante, nem os soldados tenham alguma culpa nisso, por quanto só obedecem e só fazem o que lhes manda o administrador. E o mais galante é render o registo por anno sete, e gastar novecentos mil réis!!!

O Sr. *José Candido de Sousa*, que é um dos mais ricos negociantes daquella povoação, foi quem me fez a honra da hospedagem e me obsequiou grandemente. Devi tambem muitas atenções ao juiz de paz o Sr. *Zeferino*, e ao vigario-coadjutor, o Sr. *Donato*, sendo todos estes tres senhores os que mais pugnaram em defeza da minha causa na terrivel questão, que tive com o administrador. Não posso todavia occultar que o Sr. *Julio de Mello*, anspeçada e segundo commandante da guarnição, moço de honra e bem edu-

cado, portou-se admiravelmente naquelle conflicto concorrendo muito para o restabelecimento da tranquillidade publica, e mostrando sempre vivo sentimento de ser militar em uma occasião, em que via dominar o direito da espada contra os mais claros dictames da razão, e da natureza.

Quem suspirava mais por vêr de pernas ao ar o registo, era o meu velho visinho o Sr. *Leandro Machado*, proprietario abastado, e famoso picador, que me aturdia os ouvidos manhãs inteiras, referindo-me a dolorosa sensação da morte de um cavallo seu que adestrava segundo as regras equestres do sabio *Rego* para merecer a dignidade de consul, quando o dedicasse ao Imperador do Brazil, o qual então se achava na Bahia. Aquelle cidadão pardense tinha soffrido varios vexames no seu commercio da parte do administrador, e vendo além disto que era um grave obstaculo para a prosperidade e fortuna de seu paiz, levantava seus pequenos olhos aos Céos, e promettia uma missa

rezada a Nossa Senhora, se o governo brasileiro abolisse o registo do Rio Pardo. Estivemos onze dias neste arraial esperando se apromptasse a tropa do mestre *João*, insigne ferreiro e homem honrado, activo, e laborioso, com o qual me ajustei para me conduzir até o arraial de Tejuco, suppondo encontrar ahi nova tropa que alugasse. No dia dous de Fevereiro saímos acompanhados pelo Sr. José Candido, e fomos pernoitar á fazenda do *Barreiros*, propriedade do Sr. padre Bento, que nos recebeu e agasalhou com extrema affabilidade. Elle foi o fundador da igreja do Rio Pardo, e achando-se ao depois em avançada idade, recolheu-se á sua terra, onde vive retirado e feliz no seio de uma numerosa e boa familia, applicado a plantar e colher seus legumes, e a dizer missa nos domingos e dias santos na sua pequena, mas bonita e aceiada capella. Ahi nos separamos do Sr. Candido com bastante pezar e magoa; e proseguimos nossa viagem no dia seguinte (tres de Feve-

reiro) caminhando cinco legoas até á fazenda denominada Pilões. Que homem extraordinario o dono desta fazenda. A candura e innocencia reinava no seu todo, desejava, por ássim dizer, que entrassemos no seu coração, applaudia com prazer nossos mais frivolos gestos, e consultava a miudo com sua mulher amada, que devia fazer para nos contentar. Um frangaínho assado para nossa cêa, eu lh'o acceitei como uma dadiva celeste, vindo de uma alma, cheia de virtudes, pura, sem sombra alguma de hypocrisia. Tenho bastante pezar de haver perdido seu nome: mas conservo em minha lembrança perpetua suas acções de heroismo, e não deixarei nunca de o canonisar em meus processos, posto que não seja summo sacerdote, que possa abrir e fechar o reino dos Céos a quem queira. Aquelle Abrahão brasileiro tem setenta e tres annos de idade; é casado pela terceira vez; continua ainda a propagar sua especie; e conta vivos cento e vinte descendentes, filhos, e netos, a maior parte casados

e applicados á cultura desta terra fecunda em prodigios da natureza. Eu fiquei assombrado com tanta geração; e tive sempre na idéa os serviços extraordinarios deste pai admiravel, quando lancei no meu Projecto do Codigo das Recompensas os diversos artigos relativos aos meninos do matrimonio e população. Que os meus votos se completem, e os governos animem a lei prima do Universo, a lei mais santa, a mais util, a reproducção dos seres.

CAPITULO XIII.

O AUTHOR CHEGA AO ARRAIAL DA ITACAMBIRA, E COMPRA A LAVRA DA CHAPADA. DESCRIÇÃO DESTE CASAL, E DE SEU GABINETE PHILOSOFICO. O RIO DAS MUCAHUBAS, E O DA JEQUITINHONHA. O DOUTOR JOÃO FERNANDES. O TEJUCO E A JUNTA. O REDACTOR DO ECCO. O COMMERCIO DOS DIAMANTES.

Sáimos do casal de Pilões buscando o arraial da Itacambira a trinta legoas, que caminhamos em quinze dias, tendo algumas falhas a viagem nas diversas fazendas de S. Jeronimo, Lagôa da Garsa, Cristaes, e Moinho. Nesta ultima encontrámos o Sr. Simão Caetano, Guarda Mór de Lavras, que se propoz a hospedar-me. Elle nos alojou na herdade da Sr.^a *Feliciano*, boa mulher, viuva honesta, e muito agra-

davel, ambos de mãos dadas nos procuraram todos os commodos, de maneira que ficámos muito bem agasalhados. Meu hospede me havia inspirado ardentes desejos de comprar alguma das lavras que naquelle districto estavam abandonadas por ausencia de seus donos. Deliberei-me por tanto estabelecer meu quartel no arraial, a fim de poder tratar melhor deste negocio. Deixamos o logar do Moinho no dia dezenove de Fevereiro, e seguimos para Itacambira, quando encarámos um espectaculo horroroso: era a cabeça de um cruel assassino, que expiára com o ultimo supplicio tres mortes feitas em um momento, n'uma só casa, n'uma só familia da minha pobre e innocente hospede, a Sr.^a Feliciana.

Aquelle tigre ou demonio succubo (não tenho pena de haver perdido seu nome) quiz forçar uma joven a satisfazer sua impodente lascivia; a donzella resistè, elle a mata: grita de susto uma prima della, o barbaro a mata igualmente, acode a mãe da primeira, com-

mette ainda terceira morte. Parecia estar possesso de uma legião de diabos, que lhe tiraram todo o sentimento e remorsos, quando perpetrou tantas crueldades a sangue frio, e a rir-se. Foi preso com facilidade, e sendo conduzido á capital da provincia, ahi soffreu a pena de Talião, posto que uma só vez morresse, tendo feito aliás perder tres vidas: seria melhor que ainda hoje vivesse trabalhando para pagar os damnos que causou seu crime. Passámos admiravelmente no arraial da Itacambira, alojados no aposento que nos preparou com antecedencia o Sr. Simão Caetano. Os habitantes nos fizeram excellente companhia, distinguindo-se entre elles o Sr. vigario Euzebio, o Sr. Prates com toda a sua illustre gente que se disvellaram para conosco em obsequiosas e repetidas attentões. O arraial já não é pequeno, e bem podia ser uma villa independente da jurisdicção de Minas Novas: é uma povoação agradável, vistosamente situada em um vasto plano coberto de um

lado por serras altas de mimosa verdura para criação de gados: e seus contornos encerram minas abundantes e ricas de ouro e diamantes, e de toda a especie de mineraes preciosos. Tres legoas ao sul deste arraial está a lavra da *Chapada*, formosa por seu ouro de bom toque, senão o melhor, pelo menos, igual ao mais bello ouro de toda a provincia de Minas. Ella foi aberta e fundada pelo celebre *Landim*, administrador da Extracção Diamantina do Tejuco; por sua morte foi á praça, e havendo passado a diversos possuidores, já por compra, já por herança, fazia parte do patrimonio do Sr. Verce-lense, quando eu fui vê-la, conduzido pela fama que corria della. Achei o sitio summamente delicioso; um rio bojudo rega-lhe o terreno, atraz das montanhas o pó louro e a pedra refulgente espalha por toda a parte do seu leito precioso, e vai despejar com impeto no rio das *Mucahubãs*, cujos diamantes são melhores sem duvida do que os de Jequitinhonha. Estas agoas auríferas e diamanti-

nas fertilizam seus campos, onde vegetam plantas utilissimas, que nutrem e engordam a ovelha, a cabra, o porco, a vitella. E a casa rustica, antiga mas bem construida, promette um asylo seguro e tranquillo á sombra de um bosque, que lhe fórma o pomar, e arvoredo de toda a especie; a lima, o limão, o jambo, e a laranja.

Tudo attrahiu meus sentidos, tudo me encantou; e o momento de chegar, e vêr, foi tambem o momento de me fazer senhor da lavra da Chapada. Ajustei, paguei, e tomei posse della, demorando-me alguns dias, que passei mais livre e desafogado, porque em fim já comia, andava, e dormia em uma casa minha, depois de haver estado sempre em casas alheias, desde que comecei a viajar por terra. Minha mulher não sentiu menos prazer com a bella aquisição, que acabavamos de fazer, agourando-se um retiro-delicioso e agradável com os innocentes recreios de achar um pequeno diamante de quatro oitavas, uma folheta de ouro de vinte

arrobas, e outras bagatellas deste genero. Despojando-me de alguns escravos dos que me acompanhavam em beneficio do meu novo casal, entreguei a administração delle ao Sr. Simão Caetano, de cuja probidade e honra eu fazia tanta confiança, como Alexandre Magno do seu medico, não obstante a intriga, que lhe armaram, de ser falso e traidor a seu amo na propinação de veneno. Ficou ajustado entre nós, que chegando eu ao Rio de Janeiro, ordenaria meios sufficientes para se instituir na Chapada um vantajoso estabelecimento de mineração, ou fazendo remessa dos escravos necessarios, ou voltando eu mesmo a presidir áquelles trabalhos tão uteis, quanto agradaveis; trabalhos que preenchem admiravelmente os desejos do illustre amigo de Augusto e Mecenas na confissão do mais bem acabado systema de vida, pois topa certamente com o bello prefeto da natureza aquelle homem, que ao seu campo aurifero, adamantino, e creador, reunindo um pouco de intel-

ligencia e descripção, tem a fortuna de vêr no seu gabinete, a par das boteadas d'ouro e papellinhos de pedrinhas, papel e tinta para escrever, e os bons genios de philosophia, Horacio, Newton, Buffon, Filangiére, Moisés, David, Paulo de Parse, Rainal, Aristotles, Tacito e muitos outros desta cathegoria, com quem se instrua e aprenda a olhar para as cousas deste mundo, como ellas são na realidade, tendo sobre tudo, ao canto mais proximo da cabeceira da cama a pachorrenta alma de Democrito, que o esteja balouçando a miudo para dar suas gargalhadas de rizo, especialmente quando vê povos e governos luctando mutuamente e sem cessarem nunca: estes porque tem o dedo minimo mais grosso do que o lombo do seu pai antecessor, como o tolo do Roboão: aquelles porque nada tem com a herança de David, nem com o direito de propriedade eterna dos seus governantes, como os Iforaclistas. A alma gaiata e cassoante daquelle philosofo

colloca-se então entre uns e outros, e voltando-se aos primeiros lhes diz: *Muito pedaços de asnos sois vós, que contra vós o povo se levantou: andai pois a plantar batatas e deixar o logar que não sabeis occupar.* Depois se volta aos segundos: *E' bem feito toleirões — sede mais discretos para outra vez, quando quizerdes entregar vossos destinos a alguém. Fallar muito não é saber cousa alguma, não fallar nada é ser desmarcadamente estúpido. Quem falla pouco e sempre acertado e sempre em favor do interesse alheio; é esse o sabio da natureza amavel, a quem só deveis obedecer e honrar.* Eis o quadro fiel do retiro philosophico, que me prescrevi nos arranjos do meu novo casal, que passei a denominar Conceição da Chapada, para o submeter á immediata e efficaz proteccção da Virgem Immaculada Mãe de Deos, de quem fui sempre muito devoto desde a mais tenra infancia. Sancta Virgo Virginum, ora pro nobis. Mater Conceptionis Chapatae, ora pro me, ut dignus

efficiat, quidomum meam est pote magnam et per magnam, auro adamante- quem videam semper plenam hodie, heri, crastinaque die, per omnia secula seculorum. Amen. Recommendei muito ao meu administrador e amigo o Sr. Simão Caetano, que não se descuidasse de encaixar este versiculo na ladainha, visto ser elle tão devoto, e não passar noite sem rezar o seu roزاری; e sahi finalmente da Conceição da Chapada no dia quatro de Março de 1830, voltando de continuo meus olhos languidos para aquelles saudosos penates, eu que era o senhor, e que só com a minha presença podia fazer vecejar as flôres e reviver as plantas, bafejando meu ser sobre montões de ruínas, que mão estranha faz sempre nas cousas alheias, segundo a verdade deste proverbio: *Fazenda e mulher, na mão de seu dono.* Andámos aquelle dia tres legoas, e fomos pernoitar na fazenda chamada Ilha, cujo proprietario o Sr. Veloso nos recebeu e agasalhou de um modo satisfatorio, sem deixar nada a

desejar : é um moço bastante prestavel e obsequiador, e membro de uma das familias antigas e illustres da Itacambira. Sua fazenda estava além das Mucahubas ; nós atravessámos este rio em logar que dava váo , posto que a agoa tocou sempre na *barriga* dos cavallos. O rio das Mucahubas é tambem adamantino , e a administração nacional do Tejuco alli teve n'outros tempos um serviço de diamantes : não dando porém grandes vantagens , foi abandonado e entregue aos cuidados de quem quizesse ter o enfadonho trabalho de procurar aquellas pedrinhas , cuja utilidade é , sem contestação alguma, menor de que a de um lagedo ou pedra de cantaria, que serve para fazer casas e commodas habitações em beneficio e proveito do seu possuidor, em quanto que o diamante serve só para luzir aos olhos de quem o enxerga, e não dá por conseguinte utilidade a quem é cego. O nome deste rio vem da excellente palmeira que na provincia de Minas chamam *mucahubas*, no Pará *mucaiá*, e no

Rio de Janeiro *coco de Catarro*. Nesta ultima provincia comem apenas a massa amarella e viscosa, que cobre o caroco, na do Pará além disto, fazem uma bebida da mesma massa, e na de Minas extráem della azeite, de que fazem uso bastante; saindo da fazenda do Sr. Veloso, pousámos na do *Farias*, duas legoas; e no dia sete de Março, havendo caminhado outro tanto, atravessámos pela primeira vez o famoso e celebre rio de *Giquitinhonha* (que é o viveiro perpetuo e fecundo manancial de bem polidos diamantes) na passagem de Santa Anna, onde achámos uma pequena canôa, que serviu ao transporte da bagagem e da gente, posto que a moderada corrente não difficultasse o transito, que venceram sem o menor trabalho dous escravos nadadores aos quaes encarreguei a conducção dos animaes para outra banda. Eu me refresquei deliciosamente no banho e quiz atravessar o rio a nado; os espantos porém do meu prudente e attencioso arrieiro o Sr. Mes-

tre João Simões exigindo a mais voluntaria condescendencia, se bem que eram irmãos germanos do assonbro, que lhe causou nadarem meus escravos, vesti-me e passei embarcado. Chegando da outra banda estabelecemos ahi nosso quartel debaixo de sombrios e copados arvoredos, onde passámos dois dias muito regalados com os saborosos bagres, anejas, e trairas, de cuja pesca muito gostava o meu almocreve, que não deixava passar um palmo de agoa sem deitar o seu anzol, por mais que fosse um charco de rãs e sapos. No dia nove fizemos uma jornada de quatro legoas, e armámos nossa barraca no bosque immediato ao terreiro da fazenda denominada *Pé do Morro*, onde não quizemos pousar, fugindo ao incommodo das etiquetas, e da bulha de muita gente que alli havia. Este grande casal é um morgado amphibio instituido pelo nunca assás louvado *João Fernandes de Oliveira*, primeiro contratador de diamantes do Tejuco, que era certamente o heroe do *Palito Me-*

irico, nem tinha vindo do monte a Coimbra por acaso, pois soube ajuntar riqueza tanta que deixou no Brazil um extenso patrimonio, ao mesmo tempo que em Portugal fundou a casa riquissima Oliveira. Eu vi entretanto um authorografo deste doutor, (unico papel talvez que escreveu em todos os dias da sua vida) era a doação privada que fez ás suas sexaginarias filhas: eu tive toda a indulgencia com a sua illustre memoria e ricas cinzas, perdoando-lhe a crassa ignorancia litteraria, em compensação de sua vasta sciencia de economia domestica em que foi imminente, e trinta vezes mais sabio do que Smith, Maltuus, e Say. Deos nunca pôde aliar grande saber com grande riqueza; Salomão, o rei sabio, fez excepção desta regra: o doutor João Fernandes de Oliveira parece por consequencia (já me retrato) haver sido o Jam Fernandes cantado pelo insigne vate do Palito, de quem era coevo o contemporaneo provavelmente sem cousa alguma que interessasse ás nossas observações,

Proseguimos dez legoas, e chegámos no dia doze de Março ao *Medanha*, que todavia se tem tornado celebre por uma outra passagem do rio Jiquitinhonha, que ahi se atravessa por uma grande e soffrivel porta de madeira. Nós fomos pousar um quarto de legoa além do rio, debaixo de umas frondosas quixabeiras, e junto a um ribeiro aprasiavel, onde nos banhámos eu e minha mulher em um profundo e claro tanque de pedra talhado pelas mãos da sabia e providente natureza. Neste sitio ameno e delicioso passámos aquelle e o dia seguinte: enviei um proprio a sollicitar do Sr. *Justino Machado* aposentadoria no Tejuco, que distava ainda tres legoas, e com a volta do correio, partimos para este arraial famigerado, onde entrámos pelas sete horas da noite, e nos recolhemos á bella instancia, que nos preparára nosso bom hospede sem perda alguma de tempo, não obstante as afflicções e penas que sentia naquella occasião por causa de um desastre acontecido a sua menina de tenra idade, a

qual, das mãos da aia, se precipitára casualmente da janella do sobrado sobre as pedras da rua. Este funesto accidente, que devia retalhar o coração de um pai tão amoroso e terno, qual é sem duvida o Sr. Justino; não lhe embarçou todavia o exercicio d'uma das suas mais nobres faculdades, a energia, que é nelle um principio, fazendo de outras muitas virtudes, entre as quaes brilha sobre maneira a beneficencia e a prestabilidade com que sabe attrahir a mais firme e decidida amisade de todos aquelles, que tem a fortuna e a gloria de o tratar, ainda nas cousas mais pequenas. Sua linda e amavel esposa a Sr.^a D. Maria Candida, não cessou de obrigar minha mulher com seus affagos encantadores; e ambos ficámos devendo muito as honras multiplicadas, com que nos obsequiaram estes senhores todo o tempo que estivemos em Tejuco.

O Tejuco é muito mais populoso e grande do que muitas povoações condecoradas com o titulo e prerogativas

de cidade. A riqueza dos seus habitantes transluz na grandeza e elegancia de seus edificios; a agricultura e o commercio ahi prosperam cada dia. A plantação da araruta e o negocio dos diamantes lhe tem trazido um augmento rapido, o qual data aliás do governo tolerante do Sr. *Camara*, cuja bondade e natural philosophia moderava o rigoroso despotismo e torpe necessidade do regimento da Intendencia, que até agora não tem visto a luz publica; e que bom é ser para sempre mergulhado nas agoas do Lethes, a fim de não vir elle macular os prelos da typographia.

A instrucção é um dos artigos que mais tem avançado neste arrabal, por toda a parte se assignam periodicos, por toda a parte se gosta de lêr. Publica-se alli uma folha instructiva e liberal intitulada *Ecco do Serro*. Seu redactor illustre é um moço brasileiro de uma habilidade e talento raro: um tempo erudito e mecanico, elle mesmo fundiu os caracteres, e fez a maquina

e se constituiu escriptor, redigindo um jornal impresso em uma officina, onde tudo é seu, nada alheio: tudo genio brasileiro, nada do governo portuguez. E não é isto uma prova, que o Brazil bem podia vir a ser um grande povo, se mãos habeis conduzissem o espirito nacional?... Em ouro Preto apparece igual fenomeno na pessoa do Sr. *Baptista*; no Pará fez outro tanto o Sr. *Madureira*, inventor tambem do navio de relojo no Rio de Janeiro. Mas qual o modo, porque o governo tem sabido a vigorar na terra estes animos celestes?... Grande Deos! Tudo é imbecilidade, tudo insipiencia nos governantes, *e non est qui faciat bonum, non est usque ad unum*. Os illustres empregados da Junta da Extracção me fizeram tambem as honras distinctas, assim como os mais grados cidadãos daquella terra em geral. Havia chegado quasi ao mesmo tempo o Intendente o Sr. José Cezario de Miranda, meu condiscipulo em Coimbra, o qual, á frente de seus honrados subalternos e compa-

nheiros, prodigalisou comigo as deferencias proprias do seu caracter. Todos elles, em uma palavra, tiveram comigo tanta condescendencia, que até me abriram as portas de suas sessões e me permitiram assistir a uma dellas, em que se fazia a divertida operação de pezar os diamantes, que tinham de ser enviados para o thesouro, capital da nação. Lá vi eu a tarifa dos preços dos diamantes, que se facultaram na serra de Santo Antonio a todo o mundo, com a condição de os ir vender á junta do Tejuco. Ha porém nisto um jogo de empurra, que não sei entender bem. Chega um pedrista com o seu diamante: vai offerece-lo á junta para o comprar; responde-se-lhe que não ha dinheiro, e assim é; eil-o mettido entre a cruz e a caldeirinha, por quanto, se o vende aos negociantes, commette o crime de contrabando, e se o leva á administração publica, esta não lh'o paga, porque não pôde. Que fazer pois? guardallo na algibeira para brinquito de suas creanças. Não ha cousa

mais galante do que tal maneira de governo ! Parece que o governo tem sempre caçoado com isto de diamantes; e para prova do que assevero, vêde o que aconteceu aos tristes empregados do Tejuco. Elles eram obrigados a receberem seus ordenados na côrte do Rio de Janeiro cujo papel-moeda não corre naquelle arraial; temos já os empregados perdendo o troco no cambio, além da commissão de seu procurador, e despesas immensas da conducção do cobre. Instava o procurador zeloso por fazer a cobrança, e no thesouro se lhe respondia sempre não haver dinheiro. Repetiu as instancias, pagou-se lhe em fim, quando estava já sepultado o decreto, que prohibia a exportação do cobre; mas feito o pagamento hoje; amanhã ressuscita o decreto com todo o vigor de sua mocidade, e os empregados do Tejuco a roerem as unhas, porque o governo era maricas ou fazia-se tolo. Felizmente porém vai o povo abrindo os olhos, e a lei dos contrabandos cahindo em tal desuso, que o costume

contrario parece a tem já derogado. Não ha quaze um só homem que tema commerciar em diamantes; elles se procuram, e acham, e guardam por toda a parte; e por toda a parte se compram e se vendem com a maior publicidade. Nacionaes e estrangeiros, todos lhe acodem sem temidez e comancia. E, ou seja fraqueza ou tolerancia do governo; o certo é que elle não pôde mais suspender a franqueza de tal commercio. E causa em verdade bastante admiração que ainda hoje subsista a lei do monopolio, lei triste e odiosa, parto de estupidez muito mais que de maldade.

CAPITULO XIV.

VILLA DO PRINCIPE. UM RABULA SUJO
DE SEMPITERNA JACETA. ERRADA
NOTAVEL DE CAMINHO. FORMA CI-
NICA DE BEBER AGUA. O ARRIEIRO
FAZENDO TUTU A UMA CRIANÇA PARA
TOPAR COM O SEU AMO PERDIDO. O
FADO TOCANDO MATRACA EM QUARTA
FEIRA DE TREVAS.

Em vinte e cinco de Março parti-
mos do Tejuco; e havendo passado
pelas instancias de Borbas e José Pe-
reira, nas quaes pousámos os dois pri-
meiros dias, ao terceiro entrámos na
Villa do Principe, onde estivemos algum
tempo hospedados pelo Sr. Santos, mui
digno membro da camara municipal,
de quem recebemos infinitos obsequios
e favores. Este brasileiro faz honra á
sua patria em sentimentos philantropi-

cos; elle ama a liberdade sem hypocrisia. Alguns outros cidadãos me obsequiaram tambem com os seus cumprimentos; o Sr. Carneiro rico negociante daquella Villa, e seu fiel amigo o Sr. Antonio José Vicente da Fonseca, ouvidor da comarca. Aqui se verificaram na minha pessoa as insinuações que a um outro fazia o doutor Maximo: *Qui Athenis magister est, exeat et discat*: e tive ainda de tomar novas lições de direito, depois de haver sido um pequeno Ulpano da minha aldeia. Eis o caso — Eu tinha comprado a tropa ao meu almocreve, com a condição de me acompanhar até ao Rio de Janeiro, onde deveria receber o pagamento, não só de suas cavalgadas, mas tambem do seu trabalho da jornada. Este ajuste feito, consignou-se a escripta por letra propria de um parente seu, clérigo do Tejuco, e que era homem de alguma instrucção e de bastante honra e probidade. Eu não fiz mais do que assignar o papel e acrescentar ainda um breve artigo em favor e beneficio do

mestre João Simões. Tudo porém estava reduzido a muito poucas palavras: eram quatro linhas curtas, escriptas em um quarto de papel ordinario. Disto entretanto é que me veio mal; e já me não causa espanto ser a falta de um tiro de canhão motivo justo para que Pedro da Russia declarasse guerra á Suecia, pois eu tambem na villa do Principe tive de soffrer algum fogo, porque celebrando um contracto com o meu almocreve não fui exacto em o fazer *em forma* com todos os élfes e érres, pontos e virgulas, em quatro folhas de papel velino, edição nova stereotypo de Didot. Chegados que fomos áquella villa, topou o mestre João Simões um tabula sojo, de senpiterna jaqueta, doutor terceiro das cavallariças de Justiniano; e isto a tempo que um e outro iam refrescar as goellas no venerando alcaçar do Supremo Numen que esquentava o estro ao author das Tristes e das Metamorphoses. E como em regra cada um falla na sua demanda, mormente estando ao pé de letrado e de procura-

dor de causas, a conversa rolou naturalmente sobre o contracto, cujo instrumento andando sempre na algibeira, como Santo Lenho no pescoco, foi mostrado in continenti ao sandeu escoria de Vanguerve, e Manoel Mendes. Um rapido golpe de vista, nada mais lhe foi preciso. « Isto não presta (diz o doutor muito fresco) Olhe, aqui falta um *diz*, alli um *dou fé*; nesta linha *um* *punto*, naquella *uma* *vingula*. Não vejo o *saibam* *quantos* *este* *instrumento* *vi-*
rem; e sobre tudo falta o *anno* *do* *nas-*
cimento, e por isso está tudo illegal, escripto, nullo, e de nenhum effeito. »
— Que fazer pois? — Ora essa é boa? dê-me vossê tres partes, que eu lhe arranjo obra fina e primorosa. — Prompto: eil-as. — Como gato a bofes, lança-se o bom do rabula a escrever no balaão; e entre os copos, que lhe exhalavam o genio, acabou uma longa e horrenda tirada de eloquencia, digna de ser gravada em letras de escremento nas eternas paredes do mosteiro d'Alcobaça, que foi de frades Bernardos, os mais

sabios oráculos da famosa sciencia dos disparates. A obra lida, applaudida, brindada, e aperfeiçoada; cliente e patrono, ambos seguem a minha residencia. Bate palmas o mestre João, entra, e diz, que um Sr. me procura; pergunto-lhe quem é e o que me quer, responde balbuciando e tremendo que é um doutor que havia feito outro papel dos nossos ajustes, visto que o primeiro não estava bem feito. Pego então no papel, e observando com a leitura delle a arrojada estupidez de seu velhaco e tratante author, que conheci logo o fizera só para roubar dinheiro ao pobre do meu almocreve; fui onde estava o tal doutor e lhe descozi as orelhas fortemente. Em remate, perguntando-lhe eu, se queria que lhe mandasse escovar a jaqueta, a qual tanto precisava de limpeza; eis o sujo praxista, mudo mas não quedo, fazendo mais que depressa meia volta á esquerda, e pondo-se no andar da rua, qual outro porco miseravel, que engulira as fumaças de ser mestre de Minerva,

servindo de origem ao proverbio: *Sus Minervam*. No dia seis de Abril sahi da villa do Principe, dando a todos os diabos o praxista e o fôro, a rabulice, a crassa ignorancia de direito, a chicana, a arte de furtar e de enganar aos tolos demandistas, e fui dar ao meu espirito attribulado o refrigerio e socego preciso na herdade de D. Roza a tres legoas. Aquella senhora nos recebeu com todo o agrado e fez quanto estava ao seu alcance, para que ahi tivéssemos todas as commodidades de uma hospedagem boa, vendendo nos por conseguinte um leitão que foi apanhado com a maior algazarra de meus escravos (de tudo faziam festa), e depois assado, e a final comido com a mais completa satisfação. Relato estas miudesas para fazer vêr ao leitor, que já então me não importava a mim o fôro, nem a canalha dos praxistas, que só sabem o direito de Vanguerve, Manoel Mendes, Ferreira, Paiva, Lobão, Fernandes, Thomaz, Pereira e Souza, e Ordenações Luzitanas: o que tudo

junlo e succado não vale um só pensamento philosophico do mestre André que era poeta e barbeiro de Voltaire. No dia seguinte sete de Abril passando pelo arraial da Tapinhocanga eu, minha mulher, e um pagem, errámos o caminho e nos separámos do resto da tropa, que vinha muito longe de nós. Tínhamos andado já uma legoa, quando encontrámos uma choupana com gente, e pouco mais adiante um prado vistoso, no qual corria um cristallino ribeiro por entre arvoredos sombrios e copados: fizemos alto e nos apeámos, para esperarinos a tropa, que eu julgava teria de passar naquelle logar. Já eram passadas duas horas depois da nossa chegada; a fome apertava-nos, á porta do cazal havia uma rez morta que se preparava; cheguei-me ao cazeiro para conversar e pedir-lhe informações do caminho. Então conheci o engano em que estava: e vendo que só poderia chegar muito tarde ao rancho destinado, roguei-lhe me vendesse uma pouca de carne e farinha; mas elle, dizendo-

me que a carne não era para vender, fez-me offerta gratuita d'um pedaço acompanhado de alguma farinha de milho. Eu nunca tinha comido desta farinha, que aliás na provincia de Minas é a mais usada, com especialidade na mesa dos escravos: era por tanto a primeira vez e foi tambem a ultima, que a levei ao estomago, e com tanto gosto, quanto tinha de appetite comedor. Não havia o licor que fez dar cabeçadas ao Bacco; estava porém alli o nectar dos outros Deuses, que a grande mãe natureza unge sempre de seus formosos e abundantes uberes em favor da existencia de todos os entes da terra. Avancei-me ao riacho, e bebi á moda de Diogenes, mão no rio, pedradas d'agoa na bôca. Comida feita, companhia desfeita, montámos a cavallo e despedindo-nos do nosso caridoso bemfeitor, seguimos pelo mesmo caminho, porque, segundo a informação dada, ia juntarse com a estrada principal no rancho de *Samambaia*, que era justamente o pouso marcado para minha tropa. Che-

gámos com effeito a este logar e a tempo que o dia acabava ; já eu me suppunha estirado na cama a repousar das fadigas, que supportára naquella pessima jornada, quando uns soldados que estavam a montar a cavallo, me disseram que a caravana tinha passado para o sitio chamado *Padre Bento*, que ainda distava duas legoas, e para onde elles iam tambem. Aproveitei sua companhia, e fui guardado por estes valentes pretorianos até o suspirado rancho, ao qual chegámos pelas dez horas da noite, achando nossa gente afflicta, por que julgava que teriamos sido devorados por alguma fera. Eu tinha mais vontade de dormir do que de ralhar: entretanto quiz saber do mestre João Simões, que razão teve para não ficar em Samambaia. Respondeu-me que um menino daquelle sitio lhe affirmára ter visto passar adiante um branco, um preto, e uma mulher vestida de encarnado. Estes signaes foram decisivos e frisantes para o meu almocreve, o qual ainda não sabia, que uma criança é

um animalejo tão falto de fé, que seu testemunho não faz prova em juizo. E a cousa tinha sido, que o arrieiro, attonito e zangado por não me encontrar perguntára a um menino, se tinha visto passar um branco, e um preto, e uma mulher vestida de encarnado: e perguntava isto, berrando muito, e os olhos bem abertos, como quem fazia cara de tutú para desmamar orianças. O menino, que era ainda muito pequeno e mal sabia fallar: vendo tanta gente e cavallos, e de mais a mais um homem a berrar para elle com os olhos esbugalhados, ficou assustadissimo a tremer, e a tudo foi dizendo sim, com a cara e corpo de esguelha, armando a carreira, como é costume de todas as crianças, quando querem fugir da presença de um objecto que os intemidam. E o arrieiro estava tão preocupado, que nem lhe occorreu procurar naquella casa outra pessoa de quem se informasse a tal respeito. Já tinha de acontecer tudo isto, e eu devia passar por tantas aventuras, porque em fim esta

dia aziago, quarta feira de trevas, e o fado andava comigo á matraca.

CAPITULO XV.

CASAS DE ENCOMENDA. OS NATURALISTAS CAÇANDO TODOS OS DIAS. SERRA DO CARAÇA. O CORPO DE S. PIO. O IRMÃO LOURENÇO. ESTALAGEM DAS CABEÇAS. O PAGEM DO SR. MANOEL O INFELIZ. DIRCEU E SUA AMADA. MARILIA DE APRINTO (PATRONI).

Deixámos no dia oito de Abril o pouzo do Padre Bento sem magoa alguma, posto que muito nos houvesse custado alcançallo, contra a regra, aliás de se amar sempre mais aquillo que é mais difficil de conseguir-se. Atravesámos o arraial da Conceição a hora que o povo se ajuntava para a festa das endoenças, que eu já tinha celebrado com antecipação na Lagôa do

Coelho com o Sr. padre Gabriel, como referi no Cap. 12. Ficámos esse dia no *Sunadouro*, e no seguinte fizemos tres legoas até o José Pedro, onde pou-sámos com o designio de celebrar ahi a Paixão e Alleluia; porque a gente da casa, pai, mãe, e filha, todos tres serviam a proposito, como se fossem de encomenda. O velho José Pedro, dono do casal, tinha a mesma cara de José d'Arimathea, e sua octaginaria mulher, carcomida bastante, e sempre chorosa, era (escripta e escarrada) a Maria Jacob, uma das carpideiras que assistiram ao enterro do Nosso Divino Salvador. Estes dois já bastavam para a solemnidade da Paixão em Sexta feira Maior. Quanto porém á filha, que assim mesmo era moça, não obstante ras-tejar pelos quarenta annos: essa só servia para Sabbado de Alleluia. Tinha cara de Judas, e nos modos parecia pertencer á raça cigana, que é sem du-vida originaria dos limites de Canaan, e por isso mesclada com a gente que tem rabo, como contam por ahi. Ella

estava sempre a brigar com sua pobre mãe: o que nos magoou bastante, todo o tempo que alli estivemos, porque não podiamos ser indifferentes e insensiveis aos repetidos insultos que soffria a misera velha da parte de quem era antes obrigada a tratalla com ternura, carinhos, e respeito.

Lancei mudos anathemas sobre uma filha tão insubordinada e ingrata; e se eu fôra bispo de quatro seculos atrás, aquella endiabrada mocetona sentiria os terriveis effeitos da minha colera sagrada, ficando toda negra como um negro carvão: o que n'outros tempos era signal evidente de haver sido excommungada. Neste pouzo fiz uma observação celebre. Os naturalistas alle-mães, empregados na fabrica de ferro do morro de Gaspar Soares, passaram todos os dias da semana a divertir-se na caça, porque não tinham que fazer na fabrica, a qual estava parada: não trabalhava, e os soldos correndo entretanto, fazendo-se annualmente uma despeza de dois contos de réis.

Que se não murmure dos sabios estrangeiros, não. Eu ouvi um doutor Carlos, elle mesmo lastimar-se da ociosidade em que estava por nimia insipiencia e desidia do governo, o qual não aproveitava seu saber e energia para alguma outra cousa, quando mais nada, abrir e reger uma cadeira de sciencias naturaes alli mesmo ou na Villa do Principe, onde haveria bastante gente anciosa da instrucção philosophica. O doutor *Carlos* é um grande mineralogista, e podia ter prestado ao Brazil muitos serviços em descobertas utilissimas, se por ventura o governo soubesse tirar proveito d'elle. O domingo de Paschoa, onze de Abril, passámos em Ponte Alta; e daqui por diante nada mais houve de notavel até o arraial de Catas Altas, onde chegámos em dezoito do mez; e deixando ahí a tropa com ordem de marchar para Ouro Preto pela cidade de Marianna, fui á Serra do Caraça acompanhado somente de um pagem e de uma pequena escrava para servir a minha mulher, a

quem eu queria fazer vêr aquella tão celebre e famosa habitação da virtude e da sabedoria. O logar parece ter sido escolhido de pensado para gruta de um ermitão, a distancia por um lado, e de Capunema por outro é de tres legoas, e todo o caminho é pessimo sempre. Montanhas ingremes de difficil accesso, cheias de saltos de pedras, onde perigam os cavallo. Nós andámos de pé a maior parte, e por isso havendo saído pelas nove horas da manhã chegámos áquelle sitio pelas tres horas da tarde, parando só um quarto de hora em quanto almoçámos debaixo de arvores junto a uma corrente que se despenhava impetuosamente nas pedras, e cujo sussurro augrentava o terror de uma solidão triste e medonha. Apenas minha vinda foi annunciada ao Sr. *Garcez* que então servia de superior do collegio, elle teve a bondade de me vir fallar, e mandou immediatamente preparar uma das hospedarias separadas da casa, onde fomos alojados e servidos sempre com toda a

decente commodidade como tem de costume aquelles padres fazer com todo o mundo que alli vai por curiosidade ou negocio profano e religioso. Os devotos acodem com suas pias oblações a Nossa Senhora Mãe dos Homens, e ao corpo de S. Pio martyr e nós presenciámos a penitencia de uma mulher, que, depois da missa, foi de joelhos desde a porta da igreja até os degrãos do altar mór, levando nas mãos duas vellas accezas que dedicou á Virgem Santissima, entregando-as ao Sacristão. O marido daquella devota e penitente Magdalena estava anciado por dedicar tambem uma vella ao corpo de S. Pio, cuja capella no adro do templo nem sempre está aberta: eu queria igualmente vêr este Santuario, e fiz rogar ao superior que o mandasse abrir. Que precioso monumento da nossa religiosidade! A alma de Jacob me roçou na pelle e ouvi dentro de mim mesmo: *Væ locus iste sanctus, et ego nesciebam!* Reparai entretanto que o bem-aventurado se intitulava martyr quando

eu me não recordava de haver visto no kalendario romano o nome de outro Pio, além daquelle que foi Papa, mais confessor; se bem que o kalendario nesta parte não é muito seguro, porque deixa sempre a porta do Céu aberta a quantos queiram lá entrar, declarando que, além dos Santos mencionados, ainda ha muitos outros martyres e confesores e virgens dos quaes não se tem feito menção alguma. O meu reparo não foi fóra de proposito: corria geralmente que os padres de Caraca eram muito fanaticos, e eu quiz observar por mim mesmo, o que sentiam elles a respeito do corpo de S. Pio, que o vulgo crêra com a maior simplicidade do mundo ser realmente de carne, e o verdadeiro homem, que vive além da morte, e não se corrompe nunca por ser bemaventurado e como tal declarado pela Curia Romana. Tive porém a complacencia de verificar o contrario dos falsos boatos: o padre me respondeu ingenuamente, que aquelle vulto era uma das muitas estatuas que se fa-

zem na cidade eterna, e que em certo dia o Papa, ou outro benze, consagra, e baptisa, pondo a cada uma o nome que quer, e com o qual passam ao poder de quem as compra; sendo por tanto fóra de duvida que assim como se faz, se compra e se vende a estatua de Cezar, Venus, Neptuno, ou Rousseau, assim tambem é licito fazer, comprar, e vender a estatua, o busto, o retrato, e o desenho de qualquer outro nome, porque em fim o que val é o gosto de ter, possuir, vêr, amar, e adorar uma bella pintura de Rafael, Tecianno, Corregio ou Apelles, seja qual sôr o nome que se queira dar á obra. E eu visitei o estabelecimento todo, e por toda a parte encontrei ordem, accio, regularidade, decencia, virtude e philosophia. Os rapazes vivem satisfeitos, são tratados muito bem, e tratados como filhos. O Sr. Garcez é geralmente conceituado como pai dos estudantes, e merece por isso os mais distinctos louvores; eu notei nelle uma doçura extrema e muito bom methodo de ensinar, de todos qua n-

tos tenho visto, o mais aproximado á ordem regular da natureza, que em todas as cousas marcha sempre gradualmente, e se bem me occorre, cuido que me disse ía reformar o plano dos estudos para que nunca mais se ensinasse latim aos estudantes, se não depois que elles houvessem adquirido bastantes conhecimentos na ideologia, logica, rethorica, grammatica geral, sciencias naturaes, e historia; pois que então bastariam só seis mezes para se habilitarem na lingua dos quesitos, em lugar de gastarem tres e mais annos, como acontece actualmente sem proveito algum, porque em fim a lingua latina não passa de ser um idioma, que nada augmenta ao saber, se não como um meio de o adquirir nos livros do Lacio. Lá vi o retrato do irmão Lourenço, fundador daquelle Senobio: era um rico e illustre ermitão, que, tendo bastantes meios de sustentar meia duzia de confrades, attrahiu alli alguns pobres e devotos fieis para lhe fazerem companhia, e lhe ajudarem a tragar as pe-

nas e afflicções que traziam sempre seu espirito attribulado. Sabe-se porém que seu nome era emprestado, e que tinha vindo de Portugal refugiar-se naquelle centro e solidão para escapar ao golpe dado pelo Marquez de Pombal na casa de Tavora, a quem elle pertencia. Eram oito horas da manhã de vinte e um de Abril, quando saímos do Caracá para a cidade de Ouro Preto, a capital da Provincia de Minas, atravessando o logarejo de Capunema, onde nos detivemos um pouco para almoçar e dar miinho aos animaes, que aquelle dia tinham de andar dez legoas por caminho muito máo sempre. Passámos pela volta da tarde no arraial de S. Bartholomeu, que termina em uma alta e longa serra, na qual nos veio apanhar a noite assás tenebrosa; de maneira que nos foi preciso caminhar muitas vezes a pé, para evitarmos os frequentes riscos, em que nos viamos a miudo, collocados entre Scylla e Caribdes, porque mal se acabava de subir, começava-se logo a descer, e apenas se tinha descido, su-

bia-se immediatamente. E' este o grande defeito das estradas de Minas em geral. Entrámos em Ouro Preto pelas dez horas da noite, e pedindo agasalho na estalagem das Cabaças, respondeu-se-nos que todos os commodos já estavam tomados. Instando porém com o dono da casa, o Sr. *Marianno*, que é um bello moço brasileiro, muito attencioso, obsequiador, e prestavel: elle teve a bondade de nos declarar com franqueza, que seu rancho não era decente para receber a pessoa e a mulher de um magistrado, mas que todavia, querendo eu accommodar-me ás circumstancias, elle nos daria hospedagem e faria todos os esforços por nos contentar o mais possivel. Gostei bastante da linguagem modesta e da ingenuidade do Sr. *Marianno*, que por suas maneiras conciliou immediatamente minha affeição, assim como sempre contráe a estima e amisade de todos os passageiros que alli vão hospedar-se, porque elle e sua mãe, ambos são brasileiros americanos, e por conseguinte

incapazes de nutrir na sua albergaria a perfidia, o furto, a insolencia, e mais vicios e torpezas, que moram eternamente nas estalagens da Europa. A jornada daquelle dia me prostrou inteiramente, e eu só tinha vontade de me deitar e dormir: em quanto porém se preparava nosso aposento, fomos recolhidos a uma grande sala, que era de visitas e commum a todos os hospedes. Alli estavam á janella muitos passageiros conversando com bastante interesse, vivacidade, e calor, a conversação rolava sobre o admiravel e prodigioso pagamento de um delles, que outro queria comprar. Elogios mil se teciam a este servo para encarecer de mais seu merito relevantissimo. — Eil-o ahi vem (diz o passageiro negociador): é este, é este mesmo servo venturoso o fenix dos criados, o pagem mimoso que os maiores cavalleiros, como Roldão, Oliveiro, Amadis de Gaula, e D. Quixote nunca tiveram a honra de possuir. Já eu nutria tambem meus desejos de fazer aquella preciosa aquisição por meio

d'algum contracto, quando vejo entrar na sala o tal pagem, era um preto sujo e maneta, a quem faltava metade do braço esquerdo, e que montado a cavallo para acompanhar um homem sério, devia ser na verdade uma figura bem vistosa e importante. Caíram a rir os sujeitos todos, e eu não pude deixar de lhes fazer uma perna, posto que estivesse meio dormindo. Nós eramos tratados muito bem na estalagem das Cabeças: mas, como eu tinha intenção de me demorar algum tempo nesta cidade para decidir com a Junta de Fazenda a questão do Rio Pardo, tratei immediatamente de mudar-me para o centro della por ficar mais perto daquella repartição. Por fortuna minha o Sr. Lage, porteiro da camara municipal, tinha na ladeira do Ouro Preto uma casa devoluta que me offereceu promptamente; acceitei seu generoso favor, e passei-me para lá. A mudança foi de noite, e esta muito chuvosa augmentára as aguas, as aguas corriam com mais estrondo: nós a pé e

muito de vagar, para não darmos alguma queda nas pedras lisas das multiplicadas ladeiras, que tem quasi todas as tuas; em uma palavra, tudo era triste, e tudo excitava sensações funebres e melancolicas. Passámos em uma das pontes, e me veio á lembrança o desgraçado cantor de *Marilia bella*!... A minha estava comigo, seu braço enlaçado ao meu, apertei-o, fiz contel-a, e começo a lhe dizer: — Aqui, meu bem, foi que estive o mimoso passarinho que o mais terno dos amantes, da prisão remota e injusta, enviou á sua amada para buscar novas della. Esse mesmo passarinho foi aquelle que eu mandei a buscar novas de ti, quando impios e ferozes ministros da *Luzitania* algemaram iniquamente estas mãos, que já banháras com teus prantos de amor. Mas *Dirceu* sempre infeliz nunca se pôde ligar com aquella que adorava.

Só eu Marília
Venci o fado
O ceo, a terra,
O inferno, e tudo.
Liguei-me ao teu
Bom fado ou máo;
E tu também
Te uniste ao meu
E já agora
Contentes ambos
Ou ambos tristes
Assim iremos,
Até que a campá
Engula os dois,
No mesmo dia,
Na mesma hora,
Que em quanto vivos,
Ah! certamente
Não tem Natureza
Poderes — tantos,
Que me — separe
Dos teus encantos.

FIM DA PARTE TERCEIRA.

PARTE IV.

**VIAGEM DE 74 LEGUAS, DESDE OURO PRE-
TO, CAPITAL DA PROVINCIA DE MINAS
GERAES ATÉ Á CIDADE DO RIO DE JA-
NEIRO.**

CAPITULO XVI.

A QUESTÃO DO RIO PARDO DECIDIDA. SALUBRIDADE E PASSADIO EM OURO PRETO. SEPULTURA EM QUE ESTE- VE ENTERRADO O AUTHOR. INSTRUC- ÇÕES PARA OS REGISTOS.

Apenas cheguei a Ouro Preto; annunciei-me por uma carta ao meu collega e amigo o Sr. *Amaral*, ouvidor da comarca, e mal servia só de o procurar, immediatamente veio prestar-se benevolo e officioso para tudo quanto me fosse mister. Aproveitando o momento toquei-lhe na questão do Rio Pardo, e tive a fortuna de o encontrar de accordo com a minha opinião, a qual não podia deixar de ser a mesma, que tivesse todo o homem de intelligencia, pois o contrario della passava a méta de estrondoso absurdo.

O presidente da provincia que então era o Sr. Marechal José Manoel de Almeida, foi promptissimo em se decidir pela minha justiça, e até me contou haver passado no registo de Parai-buna com dois escravos de seu uso e serviço, e que lá, não se lhe exigiu pagamento algum, nem era possivel exigir-se (dizia elle) pois a lei é muito clara, e só manda cobrar direitos de generos, isto é, de coisas que se trazem para vender em Minas.

Os outros membros da Junta de Fazenda, o Sr. Brandão, que servia de procurador da corôa, o Sr. Fernando Luiz Machado, thesoureiro, e o Sr. José Joaquim Guimarães, escrivão, todos estes foram igualmente concordes; de maneira que não havendo duvida alguma a tal respeito, metti a despacho o meu requerimento, o qual saiu como se esperava, e o dinheiro que se me tinha usurpado no arraial do Rio Pardo foi-me promptamente restituído.

O negocio porém não parou aqui. O juiz de paz daquelle arraial havia di-

rigido á Junta uma representação munida de documentos, queixando-se dos violentos ataques e vexames, que soffrêra de parte do administrador. Deliberou-se tambem de prompto a este respeito: o administrador e commandante foram demittidos, outros nomeados, e uma provisão ao ministro competente para devassar e conhecer dos crimes daquelle homem de que o accusava o juiz de paz.

Eis-aqui como terminou a famosa questão do Rio Pardo, questão que qualquer outro que tivesse cara de tolo e alma de jumento e que fosse por conseguinte mais bom homem do que eu, teria certamente deixado ficar nas trevas e agua morna do silencio da estupidéz. Não era pois a quantia de noventa e tres mil réis o que me instigava a levar ao cabo esta luta (um mez em Ouro Preto me fez gastar o triplo); mas, era um sentimento de puro patriotismo, que nutre em meu peito uma opposição sempre aberta aos velhacos e tratantes, que não tendo um vis-

lumbre de philosophia se prevalecem dos empregos publicos para enganarem, roubarem, imporem, e viverem afortunados á custa do suor alheio, e da simplicidade dos cidadãos.

Eu não posso deixar de offerecer aos membros illustres da Junta de Fazenda de Minas Geraes um testemunho de reconhecimento publico em nome da patria pela prompta e justa decisão deste negocio posto que seu expediente consumisse uns vinte e tantos dias que fui obrigado a deter o processo de minha jornada. Não posso igualmente deixar de agradecer-lhes as privadas deferencias, que obraram comigo, pois lhes mereci a honra das visitas e mais obsequios que em taes occasiões costumam praticar os homens benevolos, polidos, e respeitaveis.

Gozámos de muito boa saude todo o tempo que estivemos em Ouro Preto e mais ainda restabelecemo-nos inteiramente de algumas pequenas queixas da hygiene que não deixavam de nos incommodar bastante. O clima é magni-

fico, o alimento sadio, saboroso, abundante, e barato; e junto a isto o bonnissimo character de seus habitantes, tudo concorreu admiravelmente para fazer da nossa invernada alli, uma das melhores primaveras da nossa vida. A bella visinhança do Sr. *Peixoto* e do Sr. *Lage* meu hospede não contribuiu pouco para aquelle feliz resultado. Estas duas almas sãs, de noite e de dia, não cessavam de dar ao seu hospede visinho um signal evidente da afeição que lhe tinham; assim como o Sr. *Luiz Maria* secretario do governo que morava tambem mui perto de nossa casa. Fomos grandemente obsequiados por todos estes senhores e suas respectivas consortes, ás quaes deveu minha mulher repetidas attensões e affago immenso.

Nossa residencia era algum tanto estrambolica, de Oriente a Occidente, e de Norte a Sul não lhe entrava claridade. Grandes rotulas nas janellas de alto a baixo, a casa não tinha pateo, a cozinha a terminava, e a sala de jantar,

que era no centro allumiava-se por uma claraboia fusca em demasia, que mão de limpeza não tocava ab æterno. E nesse máo salão (sepulchro em cima da terra) nos enterrámos em vida, e o mais é, contentes e satisfeitos da sorte que o presidente nos deparava a seu geito. Minha mulher tão sósinha passava dias inteiros nesta espelunca de trevas, em quanto que eu me occupava nos negocios lá na rua, ou em casa a escrever. Ahi fiz as instrucções que dei á Junta de Fazenda para regular os registos, de que tenho um documento que vai no fim desta obra, e a minha amada tambem bordou-me ahi uma bolsa (baccelhão de carambola) para trazer ao pescoço, quando fosse tomar posse do logar de magistrado com aquelle ar imperante, proprio do grão consulto, que é a um tempo juiz, ornato das letras, interprete das leis, sacerdote de Austria, e carrasco da justiça.

Não me restando mais nada a fazer naquella cidade, ordenei os arranjos para poder proseguir a viagem, fiz no-

vos ajustes com o meu almocreve que foi despedido, e tomei a resolução de viajar só com gente minha, sem guia nem arrieiro, diminuindo com tudo a quantidade da bagagem, e entregando parte della ao Sr. Manoel Joaquim Rebello mercador ambulante, que tinha de vir para o Rio de Janeiro com uma boiada, e que em tudo me serviu e satisfez com honra e com generosidade. Assim tudo arranjado, e disposto, saímos da capital de Minas Geraes no dia vinte oito de Maio de mil oitocentos e trinta.

CAPITULO XVII.

**O MAR DE HESPAÑHA COBERTO DE
CAPIM. O VOLTA TU, NÃO VOLTO
EU. A ORDEM DORICA DO SR. PA-
DRE JOSE' PINTO. OS ANARCHISTAS
DO XIPOTO. AS BANELLAS DA MÃI
CATHARINA NA CAMA. O LOGAR COM-
MUM DAS HISTORIAS DO CAMPELLO.
O TENHO MEU MOINHO. O SR. VI-
DAL E OS BOLETINS DO IMPERADOR.
O REGISTO DA PARAIBUNA.**

A aurora nos raiou fóra do Ouro Preto na estrada que se denomina Mar de Hespanha, e uma daquellas que se encaminham directamente ao Rio de Janeiro. Havia questão de preferencia, cada um ajuizava como queria, eu não sei porque escolhi a do Mar de Hespanha. O certo é que bem depressa me arrependi da eleição, pois não tendo

ainda caminhado meia legoa, um macho deu comigo de encontro á parede da estrada em um sitio apertado e tão estreito que o meu cavallo se deixou cair para salvar assim sua vida e a minha.

O macho trazia uma grande e volumosa carga de capim e seu dono o acompanhava. Minha mulher, e o resto da tropa que iam adiante pararam a uma banda onde o caminho lh'o permittia por ser mais largo e disseram ao Capineiro que suspendesse a marcha do seu animal, para que eu pudesse unir-me á minha caravana. Mas o maldito que tinha em vista sem duvida os brocardicos do direito commum, decidiu que tanta razão havia para que elle parasse como eu retrocedesse, e por conseguinte deixou ir seu estúpido e travesso macho que quase por um triz commette dois crimes ao mesmo tempo, a morte de um homem e um homicidio.

Estes successos devem ser de pouca entidade para os governantes que tem achado sempre muitos milhões para se

gastarem na guerra e na matança; nunca tiveram um real para se mandar fazer boas estradas. Um philosofo porém não póde ser insensivel a tanta negligencia e desidia que é causa de tantos infortunios e desastres.

Não havia muito tempo que um Tropeiro tinha morto outro nesta disputa de volta tu, não volto eu, pára tu, não paro eu. Fizemos por tanto neste dia uma viagem não muito boa de duas legoas e meia até ao arraial da Chapada onde jantámos e dormimos. No seguinte, passámos melhor, e ao terceiro trinta de Maio atravessando o arraial da Espera, onde não quizemos ficar, porque todo o povo estava a festejar na rua o Espirito Santo: avançámos cinco legoas e meia com bastante trabalho e enfado, e fomos pousar na grande fazenda do Sr. José Pinto, clérigo secular, e lavrador poderoso, que reúne as letras a bastante cabedal, e que por tanto passa uma vida venturosa na sua bella casa de campo a primeira que eu conheci com ar de casa de gente por

sua elegancia, construcção e aceio. Elle nos recebeu e agazalhou com toda a decencia, polidez, e grandeza, e é esse o estylo do seu proceder brioso com todos os viajantes que passam naquelle sitio. Um grande pateo na frente da casa, é circumdado todo de bem feitos ranchos que rematam no portão, o qual dá entrada ao vasto edificio. Os ranchos uns servem de armazens para guardar os mantimentos e colheitas, outros para officiaes diversos, muitos para habitação dos escravos, e o resto para domicilio dos porcos, que alli se criam em quantidade prodigiosa e que vivem debaixo de boas telhas como gente. A casa é de sobrado e por toda a parte desta grande obra se conhece o dedo do seu author.

Saindo daqui tencionavamos fazer o pouso em São José do Xipoto distancia de tres legoas; mas naquelle arraial nos aconteceu o mesmo que no da Espera, achámos o povo todo no meio da rua a festejar o Espirito Santo, posto que sem emporio, nem corda, nem sceptro, nem throno.

Não havendo nada disto havia por consequencia anarchia, e reinava a desordem, pois tudo estava aberto e escancarado, janellas e portas abertas e a gente sentada, ou em pé a olhar para a rua sem fazer nada, ou quando muito conversando uns com os outros em boa paz, harmonia e socego, o que aliás é falta de ordem para certos sabichões politicos, que fazem consistir a arte de governar em bater, ferir, matar por portarias, e decretos quatro duzias cada manhã, obediencia ás authoridades, assim o quero, e mando, e a ultima razão é a espada e o canhão. Irra, meu Deus! Para que é tanta besta? Parece que vem ahí um elefante pela madre da montanha fóra, e de resto nasce um ratinho pequeno, *ridiculus mus*.

Eu pois que nunca gostei de me achar onde houvesse emporio, throno, corôa, e sceptro, não quiz ficar naquella sociedade civil e anarchista; avancei mais meia legoa até á fazenda denominada contrato pertencente a uma senhora tão velha como sua herdade, que tambem

estava no arraial á porta da rua, e vendo-nos passar, ficou inclinada a olhar para minha mulher e prerompeu neste extasi: « Hem! que cousa tão bonita Deos Nosso Senhor fez! Bemza-te Deos! Não pude ser invencivel á candidez desta creatura innocente, muito mais porque sabendo ella que nos dirigamos ao seu casal, mandou promptamente seu filho e uma escrava ordenando-lhes que nos prestava todos os bons officios da hospitalidade.

No primeiro de Junho, descancámos para jantar no rancho do *Gabriel*, e mal tínhamos acabado de montar á cavallo para proseguir a jornada começou a chover. O tempo não denotava o que veio a dar depois, choveu muito toda a tarde e os caminhos ficaram alagados, os atoleiros quasi nos enguliram. A mãe Catharina sendo aquella que mais se enterrava na lama por causa de suas extensas e finas canelias cahiu, e sujou-se toda, a sua queda excitou uma rizada geral na gente da comitiva. Ella então cheia de raiva invocou aos altos

Ceos para que punisse aquelles escarnicadores com pena de Talião. Os Ceos lhe ouviram seus rogos; e como não se tratava de punir mancebos loucos que zombaram de um profeta, não veio fogo celeste, mas veio agoa etherea ainda mais do que havia e cada um dos escravos foi caindo sua vez. Grande galhofa entretanto faziam todas as vezes que cada um delles caía, e até eu não pude forrar-me áquellas apupadas innocentes por um engano que me fez *madame* Margarida. Ella viu um brilho muito á beira da estrada, metteu-se nellè e aconselhou-me a seguisse. Poucos passos tinhamos andado, grita *madame* adiante *Eh bien monsignor voilà un galimatias de la route?* Eu tinha dado ordem ao meu cavallo que se entendesse com ella a respeito daquelle caminho tão fóra da villa e termo, fallando-lhe porém francez que não é lingua para bestas, o cavallo achou-se de improviso em um salto de tres palmos de altura que pulando sem cerimonia escorregou e caíu, e eu tambem junto

com elle. A queda não me offendeu, se bem que me fez suspirar pelo Sr. *Leandro Machado* aquelle insigne picador do Rio Pardo que sabia entender a linguagem dos jumentos sem haver sido discipulo de Pythagoras, sómente com a lição do sabio Rego.

Molhados, enlamiados, sujos, mas não enfadados, chegámos ao arraial das Mercês em cuja entrada havia uma estalagem, seus donos, marido e mulher, boas pessoas, me fizeram recordar das historias que o Campello contava aos meus rapazes e que todas ellas começavam sempre assim « Era uma vez um velho e uma velha » Fomos tratados muito bem. Os escravos mudaram roupa de verão, bastante cachaça, cearam e dormiram a somno solto, e no dia seguinte, fazendo uma jornada de cinco legoas muito grandes, mas sem chuva nem quedas, pousámos na fazenda chamada Viuva Gorda com o destino de sair do Mar de Hespanha e buscar a estrada de Barbacena, que é sem duvida melhor, mais povoada, enxuta e larga.

O dono daquella herdade, posto que sua casa não tivesse commodos sufficientes, nos recebeu com tudo, e nos agazalhou como pôde, não poupando meio algum de nos satisfazer, e servir: e sobre isto nos entreteve, e divertiu bastante com a franca e sincera confissão dos seus teres, contando-nos e repetindo-nos muitas vezes que tinha o seu moinho, tinha o seu monjolo (formaes palavras). Minha mulher gostou immenso de o ouvir, e não podia ter-se com riso, porque o homem fallando sempre com presteza, vivacidade, gosto conveniente, lhe fazia lembrar o recto e commodo do Sr. Cruz da Villa do Jardim do Ceará. No dia tres de Junho passando por Maria Vicencia ficámos de noite em casa do Sr. Francisco José que nos deu um tratamento digno delle e de nós: é um moço brasileiro muito polido e tratavel, possui em cabedaes os mais nobres e esciarcidos sentimentos em favor da patria. Na manhã seguinte entrámos na grande estrada pelo sitio

do chamado Chapéo de Uvas, e fazendo esse dia uma optima viagem de cinco legoas jantamos na estalagem de *Luiz Antonio*, e dormimos na fazenda de *Joaquim Vidal* que nos obsequiou e tratou com aquella grandeza que é propria do seu character e seu costume hospitaleiro. Não ha um só viajante que não tenha experimentado sua munificencia; e os boletins publicados na Viagem do Imperador, assás provam seus rasgos de inclita grandeza e generosidade.

Saímos da fazenda do Sr. *Vidal* penetrados da mais viva saudade do nosso bom hospede, e caminhando seis legoas pernoitámos em uma palhoça situada nas raias de *Mathias Barboza*, que era antigamente um registo famoso, espanto e terror de todos os viajantes, e que está hoje abolido depois que se fundou o do Rio Paraibuna. No dia seguinte seis de Junho caminhámos de manhã legoa e meia até um logarejo de meia duzia de casas a maior parte de palha que áquella hora se achavam todas

fechadas sem gente, e apenas vimos uma preta. Jantámos ahi, e de tarde fizemos uma marcha de seis legoas e meia até o registo de Paraibuna, onde nos recolhemos na estalagem do Sr. *Clemente* que nos deu boa hospedagem, e nos tratou optimamente, todo o tempo que alli nos detivemos.

Aquelle estabelecimento é uma das melhores officinas publicas que ha no Brazil. Uma ponte soberba atravessa o rio, é coberta de telha, o assento de madeira, mas o vigamento fixo em grandes bases de pedra muito bem trabalhada: o quartel é pomposo e elegante, muito bem repartido, e com sufficientes commodos para os empregados, além do mirante reservado para pouzo do Imperador quando alli passa. E quanto aos homens que lá encontrei, só posso dizer que se os empregados dos outros registos fossem sempre como estes, não teria certamente havido tanto ladrão petulante e sem vergonha, como desgraçadamente por vezes tem apparecido nas diver-

sas estações do fisco, onde algumas harpias famintas do suor alheio, bem mereciam sentir os efeitos da primeira e unica raiva que fez sair do seu serio o nosso brandissimo e prudentissimo Redemptor. O qual não podendo já mais supportar o desaforo dos republicanos no templo, os levou todos a chicote, e chicote bem grosso feito de cordas de boi.

O commandante da guarnição era o Sr. Manoel Caetano Monteiro tenente de cavallaria, um moço de genio excellente, muita probidade, e doçura, e de sentimentos bellissimos. O segundo escrivão que na ausencia do administrador exercia este cargo, o Sr. José Belizario, tinha igualmente bastante capacidade. E o escrivão do registo o Sr. *João Nepomeceno Simões Borges*, tenente coronel do batalhão n.º 11, é um homem respeitavel por todos os titulos, e não foi sem razão que elle mereceu ao Imperador os mais distinctos elogios e sinceros louvores, seriedade, honra, energia, probidade, candura,

polidez, e prestabilidade: tudo se encontra em sua pessoa, e basta encarar seu aspecto, e semblante para se presumir com acerto que aquelle exterior grave reveste as mais solidas e brilhantes virtudes de um coração bem formado. Não tem aquella sofreguidão de arrancar as entranhas aos cidadãos laboriosos para amontoar dinheiros no fisco em favor unicamente das sanguesugas do estado. Se a lei declara terminante, a lei se executa como sôa; mas se tem escuridade que abre a porta a disputas, elle se decide pelo que dicta a razão: sem letras nem estudos, ajuiza sempre bem, e o raciocinio de um homem qual o Sr. João Nepomenceno, é de certo a base prima da mais sã philosophia, que vem só da alma recta e não de palayras varias.

CAPITULO XVIII.

O QUI PRO QUO DE PARAIBA. A SR.^a ANNA E O PATI DO ALFERES, A SR.^a CLEMENCIA E O CARACTER BRAZILEIRO. OS OLHOS CEGOS DO GOVERNO. OS LADRÕES DA CÔRTE O PINHAL DA AZAMBUJA. FIM DA VIAGEM.

No dia oito de Junho saímos do registo de Paraibuna e depois de uma fastidiosa viagem de quatro legoas, chegamos á povoação de Paraiba situada á margem do rio do mesmo nome. Aqui tambem encontrei o fisco, elle tem duas propriedades divinas: e é immenso, e apparece em toda a parte, é omnipotente, e póde mais do que um raio: justissimo e sempre tem razão e nunca perde sua demanda se não nos bons governos, como dizia a Trajano o

seu panegirista. Naquelle repartição ha um *qui pro quo* de termos, relações, e guias, não sei para que: cuido eu que é para se exigir mais dinheiro. Pagou-se a passagem atravessando o rio na Barca, fomos pousar na outra banda em um rancho, cujo taverneiro nos serviu como podia, e muito mal; tudo era o diabo aquelle dia, e o que nos compensou taes enfados, foi o agazalho magnifico que á noite tivemos na Vargea: o dono desta grande fazenda, poderoso, (honrado ancião) nos recebeu e hospedou com toda a bizarria: de manhã nos mostrou seus armazens, colheitas, e plantações, e gostei de vêr a ordem e o arranjo de seus rusticos trabalhos. E' pessoa muito respeitavel, e bem podia ter sido aproveitado para a função da Ponte em Paraíba, a cujo respeito colhi idéas sãs e todas dignas de apreço.

Já tínhamos deixado á mão esquerda o caminho da Serra da Estrella meia legoa depois que passámos o rio; e devíamos procurar a Villa de Pati do Al.

feres a fim de podermos entrar na cidade do Rio de Janeiro sem que nos fosse preciso embarcar : informaram-me porém que naquella Villa não havia estalagem , nem eu conhecia pessoa a quem podesse dirigir-me para pedir agazalho. Em consequencia, saindo da Vergea no dia nove e passando na fazenda do Capitão Mór daquelle territorio, topei um famulo seu que me deu noticia de uma Sr.^a Anna, viuva pobre que costumava dar hospedagem, e cujo sitio, era quase ás portas da povoação. Adiantei-me á tropa , e chegando eu só ao casal onde não via entretanto viva alma, violei seus muros, entrando pela portinha de uma decrepita cerca de varas, no meio do terreiro, bradei muitas vezes pela gente da casa a qual estava toda fechada na frente, posto que eu a ouvia fallar, ou no pomar, ou onde quer que fosse. Ninguem me respondia, e eu estava feito alli a voz do que clama no deserto , até que por fim se abriu um postigo, onde appareceu uma mulher meia velha arrenegada, e feia :

era a Sr.^a *Anna* que se poz a argumen-
tar comigo a respeito da hospedagem ;
pois que (dizia ella) uma viuva , não
podia receber homens em sua casa : —
Mas minha rica (disse lhe eu) que tem
ser viuva para dar agazalho por uma
noite a um viajante que traz consigo
sua mulher e escravos, os quaes não lhe
hão de tocar em cousa alguma sua além
de se lhe pagar bem todo o trabalho que
tiver? — A este tempo chegava a tropa
e vendo ella que vinha com effeito mi-
nha mulher mudou de tom e disse-me ;
que visto eu trazer comigo minha mu-
lher podia entrar. Sua alteração porém
já me tinha enfadado e por isso não
quize servir-me do seu agazalho que se
conhecia bem ser feito com algum cons-
trangimento. Seguimos para a Villa, e
lá encontrámos o Sr. *Leandro* que nos
deu um rancho de voluto fóra da po-
voação, e se constituiu por acaso nosso
hospede : tratou-nos optimamente e nos
fez toda a qualidade de obsequios : o
escrivão do logar que era homem po-
lido e discreto veio-me cumprimentar

imediatamente e offereceu-me sua casa, ou a casa da camara para pernoitar, e como visse que não aceitava sua offerta quiz obrar uma outra generosidade recommendando ao Sr. Lucindoro que me prestasse tudo quanto me fosse mister com o fim de satisfazer elle as despesas. Não annui tambem a esta proposta, mas nem por isso fiquei menos obrigado ás attencões, e extremos que mostrou para comigo.

Esta viagem da Vargea para o Pati foi muito pesada e incommoda para os animaes e a gente que vinha de pé, seis legoas sem terem descanso em parte alguma.

Eu não queria estafallos, e por isso no dia seguinte andámos só duas legoas e meia e ficámos no Casal das Pedras. Que boa mulher a Sr.^a Clemencia dona deste casal! Nada havia que não fizesse para nos agradar. Deunos um jantar esplendido, a nós, e á nossa comitiva. teve bastante trabalho connosco, e todavia só levou pagamento do milho que os animaes come-

ram. Que grande differença entre America e Europa, entre Brazil e Portugal. Aquella mulher não tinha relações algumas, nem de amizade, nem de dependencias: e porque me obsequiou ella tanto? Porque tantos outros me obsequiaram tambem? A hospitalidade nasce da liberdade, e esta é um dos attributos do caracter brasileiro. Na Europa é mister encontrar-se gente polida para se achar nella agasalho e urbanidade: mas no Brazil os indigenas abrem suas choupanas a todo o mundo, seu peixe, sua caça, é commum ao branco e ao preto. Dir-se ha que por isso elles não tem nada, concedo, mas tambem é certo que elles não commettem as torpesas, e indignidades proprias do nimio amor do dinheiro.

Do logar das Pedras começa a grande Serra do Verneque que tem uma legoa de subida, e outra legoa de descida, nós a varámos no dia dezoito com algum enfado e custo, bem que algumas vezes offereciam-se aos nossos olhos vistas agradaveis.

No fim della nos achámos em um grande atoleiro; signal evidente de estar perto ao governo, eu fiz sempre esta observação durante minha longa viagem; quanto mais um dever está contiguo a authoridade superior tanto mais elle é desprezado inteiramente. Nas portas da capital de Minas foi que o burro de Capim quase me magoou a alma. Nas portas da capital do Imperio é justamente onde se acham os maiores atoleiros que não é possivel passar sem risco de ficar engulido.

Depois que descemos a Serra andámos ainda meia legoa até um rancho de palha onde parámos um pouco em quanto se apromptava o jantar, findo o qual seguimos immediatamente e atravessando a povoação de Aguasão, fomos dormir dalli meia legoa em uma soffrivel estalagem onde passámos menos mal a respeito de comida, quanto ao mais eu não dormi com socego, meu espirito attribulado antevia os perigos que as conjecturas ameaçavam de momento a momento. A carta se

tinha tornado um prefeito covil de ladrões; as quadrilhas delles habitavam nas ruas mais publicas, fallavam, riam, tratavam, e negociavam com as authoridades de os perseguir e exterminar: elles em fim se preparavam de dia para roubarem de noite, e os preparativos, a limpeza das espingardas, pistolas e espadas, tudo se fazia á vista debaixo mesmo dos olhos de quem era aliás obrigado a punil-os. A proximidade do Rio de Janeiro me enchia de susto e me fazia tremer.

Amanheceu entretanto o dia dois de Junho de mil oitocentos e trinta sem alguma novidade desagradavel, e ao romper da aurora nos pozemos em marcha caminhando sempre com a maior presteza possivel para podermos chegar ao Rio de Janeiro antes da noite. A passagem de Irajá me parecia o pinhal da Azambu'a, mas era preciso parar naquelle sitio para tomarmos algum alimento e refrescar tambem a tropa.

Tomei por tanto as medidas e cau-

tellas necessarias para previnir qual-quer accidente funesto, e ordenei a um dos meus escravos mais destemidos, que nunca desamparasse as armas junto ás quaes devia postar-se vigiando um e outro lado todo o tempo que estivessemos parados em alguma parte.

Suspendemos com effeito nossa marcha em uma das estalagens do Irajá onde nos demorámos muito pouco, e apenas comemos, continuámos a caminhar com a mesma pressa com que tinhamos vindo sempre até alli, de maneira que chegamos pelas quatro horas da tarde ao campo de São Christovão. Eu vinha com habitos caminheiros, grande chapéo de oleado, perneiras oleadas tambem: se os cortezãos me vissem trajado assim supporiam talvez que eu me tinha escripturado em alguma companhia de comicos. Recolhemonos por tanto em uma daquellas hospedarias para me preparar. Esperámos a noite, e com a vinda della entrámos no Rio de Janeiro em doze de Junho de mil oitocentos e trinta.

Completando por tanto um anno de
viagem.

FIM DA VIAGEM DE PATRONI.

ROTEIRO

*Dos logares em que esteve e passou o author
desta viagem.*

PRIMEIRA VIAGEM

*Da cidade da Fortaleza (capital) do Ceará
á Villa de Icó.*

	LEGOAS.
Alagadiço Novo	3
Aquiraz (Villa)	3
Cajoeiro do Ministro (Arvoredo)	3½
Cascavel (Arraial)	3½
Lagoa do Xoró	2
Coruahú	3
Sucatinga	4
Carnahuba Sem-Cabeça	4
Cruz	4
Lagoa das Pedras	3½
Lagoa dos Patos (Bosque)	4
Pão Branco	3

40½

*

	LEGOAS.
Transporte	40 $\frac{1}{2}$
Russas (Villa)	2
Lagoa do Canto	1 $\frac{1}{2}$
Miguel Pereira	1 $\frac{1}{2}$
Sumidoiro	2
S. João (Arraial)	5
Cabrito	3
Boqueirão	3
Pitombeira	3
Santa Roza (Arraial)	3
Defuntos	3
Jaguaribemerim	3
Torrões	3
Reacho do Bruno	4
Icó (Villa)	6

83 $\frac{1}{2}$

SEGUNDA VIAGEM

*Da Villa de Icó ao Julgado de Cabrabó
no Rio de S. Francisco.*

	LEGOAS.
Santo Antonio	3 $\frac{1}{2}$
Batalha	3 $\frac{1}{2}$
Mangabeira	4
Calumbi	2
Crioulas	3
Tropas	4
Cachoeira	5
Chumbada	3
Engenho de Santo Antonio	2 $\frac{1}{2}$
Crato (Villa)	2
Lagoa de Luiz Corrêa	4
Missão Nova (Logarejo)	4
Serra do Matos	3
Jardim (Villa)	6
Cachoeira	4
Santo Antonio	2
Catolé	7

62 $\frac{1}{2}$

	LEGOAS.
Transporte	62 $\frac{1}{2}$
Cuité	4
Craoatá	3
Curralinho	5
Tapéra	2
Cabrobó (Julgado)	4
	<hr/>
	80 $\frac{1}{2}$

TERCEIRA VIAGEM

De Cabrobó pela beira do Rio de S. Francisco atravessando para o certão da Bahia até Jacobina Nova.

	LEGOAS.
Ponta da Ilha	4 $\frac{1}{2}$
Aracapá	2 $\frac{1}{2}$
Caraiba	3 $\frac{1}{2}$
Igreja Nova (Boa Vista)	0
Tamaquihús	4
Jequi	4
Boa-Vista	3
Cruz da Anninha	2
	<hr/>
	29 $\frac{4}{2}$

	LEGOAS.
Transporte	29 $\frac{1}{2}$
Itaparica	3
Cruz da Velha Francisca	2 $\frac{1}{2}$
Pedra	5
Joazeiro Arraial (Passagem)	3
Carnaiba (Deserto)	6
Caraiba	4
Curral Novo	4
Encruzilhadas	4
Flamengo (Deserto)	3
Ranchinho	3
Brejo	4
Jacobina Nova (Villa)	3

74

QUARTA VIAGEM

*Da Villa de Jacobina Nova até á Villa
da Cachoeira ou S. Felix.*

	LEGOAS.
Domingos Dias	3
Tamandoá	2
Boa Vista	2
Itapicurú Merim	2
Olho d'agua da Tihuba	3
Cabaças	3
Bebedouro	2
Queimadas (Arraial)	3
Rio do Pará	4
Gravatá	3
Imbúassú	2
Paulista	3 $\frac{1}{2}$
Santa Roza	1
Couto (Arraial)	2 $\frac{1}{2}$
Boca da Catinga	1 $\frac{1}{2}$
Retiro do Padre	3 $\frac{1}{2}$
	<hr/>
	41

	LEGOAS.
Transporte	41
Genipapo	2 $\frac{1}{2}$
Jurema	4 $\frac{1}{2}$
Sepipira	2 $\frac{1}{2}$
Pindóba	4
Tapéra	3
Cruz	3
Cachoeira (Villa)	3
	<hr/>
	84 $\frac{1}{2}$

QUINTA VIAGEM.

*Da Cachoeira ou S. Felix ao Casal
do Regapé.*

	LEGOAS.
Torto	2 $\frac{1}{2}$
Venda Nova	3
Genipapo (Arraial)	5
Cruz (Fazenda do Major Rocha)	3 $\frac{1}{2}$
Poções	4
Mocó	3
	<hr/>
	21

	LEGOAS.
Transporte	21
Quixaba	3
Santa Rita	1 $\frac{1}{2}$
Agoa Branca	2
Lagoa dos Patos	3
Formoza (Dezerto)	3
Tres Lagoas (Dezerto)	2 $\frac{1}{2}$
Quatís	1 $\frac{1}{2}$
Canna Braba	3
Maracá (Arraial)	1 $\frac{1}{2}$
Camolongo	2
Caldeiras	3
Queimadas	5
Passagem de Sant'Anna	3
Estreito	$\frac{1}{2}$
Roberto	4
Areão (Sitio Abandonado)	2
Barra do Gavião	2
Brauna	4
Jacare	2 $\frac{1}{2}$
Imbé	4
Sucurikú	2
Brejo	5

— 107

SECRETARIA NACIONAL DE TURISMO
RIO DE JANEIRO

	LEGOAS.
Transporte	8 1/2
Cágado	3
Mucambo	3
Campo Seco (Dezerto)	4 1/2
Lagoa (Dezerto)	4
Jacaré	4
Rio das Antas (Fazenda)	4
Regapé (Grande Casal)	3
	<hr style="width: 100%; border: 0.5px solid black;"/>
	102 1/2

SEXTA VIAGEM

Do Regapé á Conceição da Chapada, lavra do author.

	LEGOAS.
Salto das Pedras (Logarejo)	5
Lagoa do Coelho (Fazenda)	5
Conceição	5
Tabúha (Arraial) Registo	5
S. Bartholomeu	5
Rio Pardo (Arraial) Registo	5
	<hr style="width: 100%; border: 0.5px solid black;"/>
	30

	LEGOAS.
Transporte	30
Barreiras	2
Pilões	5
Poções	2
Tapera	2
Santa Cruz	5
Extrema	3
João de Sousa	3
S. Jeronymo	5
Lagoa da Garça	4
Cristaes	1
Ribeirão da Areia	2 $\frac{1}{2}$
Moinho	1 $\frac{1}{2}$
Itacambira (Arraial)	1
Conceição da Chapada	3

70

SETIMA VIAGEM

*Da Conceição da Chapada até Ouro Preto
capital de Minas.*

	LEGOAS.
Ilha (Fazenda do Veloso)	3
Justino	2
Sant'Anna (Passagem do Rio)	2
Pé do Morro	4
Capão Grosso	4
Retiro do Capão Grosso	4
Mendanha	2
Tejuco (Arraial)	3
Borbas	4
José Pereira	3
Villa do Principe	3
D. Roza	3
Padre Bento	6
Sumidouro	3 $\frac{1}{2}$
José Pedro	3
Ponte Alta	2 $\frac{1}{2}$
Rancho de Cima	3
Coimbra	3

	LEGOAS.
Transporte	58
Tanque	2
Bom Retiro	2
Cocaes (Arraial)	3
Santa Barbara (Arraial)	2
Catas Altas (Arraial)	2
Inficionado (Arraial)	2 $\frac{1}{2}$
Marianna (Cidade)	4 $\frac{1}{2}$
Ouro Preto (Cidade)	2
	<hr/>
	78

OITAVA VIAGEM

De Ouro Preto ao Rio de Janeiro.

	LEGOAS.
Chapada (Arraial)	2
Santa Rita (Arraial)	1 $\frac{1}{2}$
Prepetinga	3 $\frac{1}{2}$
Padre José Pinto	5 $\frac{1}{2}$
Contrato	3 $\frac{1}{2}$
Gabriel	2
Mercês (Arraial)	2
	<hr/>
	21

LEGOAS.

Transporte	21
Viuva Gorda	2 $\frac{1}{2}$
Maria Vicencia	2 $\frac{1}{2}$
Francisco José	2
Luiz Antonio	3
Joaquim Vidal	2
Rancho	3 $\frac{1}{2}$
Mathias Barboza	2 $\frac{1}{2}$
Simão Pereira	1 $\frac{1}{2}$
Parahibuna (Registro)	2 $\frac{1}{2}$
Paraiba (Passagem do Rio)	4
Vargea	2
Pati do Alferes (Villa)	6
Pedras	2
Irajá	4
Rio de Janeiro	4

65

SUPPLEMENTO PRIMEIRO.

VIAGEM.

	LEGOAS.
Iguápe (Valle Povoado)	2
Brito	2
Conde (Passagem do Rlo)	3
Vanique	1
Paraná Merim	3
Alambique da Passagem	2
Engenho Novo	2
Haia	3
Cabrito	2
Bahia	2

22

SUPPLEMENTO SEGUNDO.

VIAGEM

De Catas Altas para Ouro Preto pela Serra da Carroça.

	LEGOAS.
Collegio da Carroça	3
Capunema (Arraial)	3
S. Bartholomeu (Arraial)	2 $\frac{1}{2}$
Ouro Preto	2 $\frac{1}{2}$
	<hr/>
	13

FIM DO ROTEIRO.

ELUCIDAÇÃO JURÍDICA

DOS DIREITOS FISCAES SOBRE OS ESCRAVOS LADINOS, OU DO USO E SERVIÇO DOS VIAJANTES NA PROVINCIA DE MINAS GERAES FEITA PELO AUTHOR DESTA VIAGEM POR OCCASIÃO DA CONTROVERSIA QUE TEVE COM O ADMINISTRADOR DO REGISTO DO RIO PARDO.

Senhor Administrador.

Eu me achava estabelecido no Rio de Janeiro quando fui ao Pará no principio do anno passado de 1828 a celebrar meu casamento, embarquei-me depois com toda a minha familia para a côrte, mas o enjôo extraordinario de que fui atacado no mar, me obrigou a aportar ao Ceará donde vim por terra com treze escravos dos quaes já em caminho (na Fazenda do Alagadiço Novo do Sr. Deputado Alenear) deixei duas negras, Catharina e Marianna, uma por ter parido, e outra para tra-

tar daquella, e ambas com ordem de serem transportadas no primeiro navio para minha casa do Rio de Janeiro, e é por isso que agora só vem comigo os escravos dos treze que aliás se acham relacionados no meu passaporte.

São nove as cargas da minha condução, tres de roupa, uma de serviço de mesa, outra utensilios de cozinha, uma de barris de agua sempre fresca e limpa e tres de mantimento, carne, farinha, feijão, toucinho, assucar, manteiga, chá, café, vinho, cachaça para os negros etc. etc. etc. Estas cargas vieram em mulas, mas trouxe tambem uma besta muar em que veio montada

1. Todo este cavaco preciso para mostrar ao Administrador que minha viagem a Minas, foi casual e necessaria que as duas negras não tinham sido vendidas, nem naquella, nem nesta Provincia e que em fim não era negociante de escravos, nem viajava alli para vender cousa alguma do uso, excepto se o uso era de mero luxo, ou se a lei (impia, e absurda, e estúpida) o determina expressa e claramente.

minha mulher, um cavallo de minha sella, tres em que vieram meus escravos, e tres sollos em pello sem carga nem sella, sem freio, sem cabresto.

Ora eu não sou negociante, todos o sabem, e se o quizesse ser, teria empregado alguns fundos dessa pequena fortuna que possuo. Mas tenho um tratamento mediano qual convem ao decoro, ao carácter de minha pessoa, familia, e emprego, ninguem o ignora, se pois eu não sou negociante, se nada do que trago é genero de commercio, se tudo quanto vem comigo é cousa de meu uso e serviço; como poderei ser obrigado a pagar impostos que a lei só manda recahir sobre cousas vendaveis e que entram nos registos para serem vendidos na provincia de Minas? O systema financeiro, ou tributario em direito é odioso e do direito mesmo é tambem o grande principio de se dever sempre interpretar com restricção a lei odiosa assim como entender a que só distribue favor.

O imposto recabe sempre sobre a

propriedade viva, ou commercial, e nunca sobre a propriedade morta, qual é em verdade aquella que só serve.

Na Inglaterra, apesar de ser demasiado austera e minuciosa para os contribuintes a economia politica; todavia nunca a ninguem lembrou que um inglez devesse pagar tributos do comer que tem á mesa, da roupa no seu corpo, e do criado que o serve. Assim em todas as alfandegas do Brazil nunca os homens de mar pagaram direitos dos bahús de sua roupa nem dos viveres da tripulação do navio, nem dos escravos do seu serviço: ao mesmo tempo que pagaram sempre direitos das cargas de roupa, das de mantimentos, e dos escravos de negocio, porque nesse caso a roupa é mantimento e o escravo, não é cousa de uso, mas genero ou effeito de commercio e cousa vendavel.

A lei para ser executada, primeiro deve ser bem entendida e a intelligencia della depende absolutamente da intelligencia das palavras em que está concebida, e n'um apesi nos desviámos

da interpretação lógica e jurídica, teremos então o preculcianismo que é a origem fatal dos mais estrondosos absurdos que fazem revoltar o entendimento ao homem mais rustico, ignorante e boçal.

Genero escravo novo, cavallo em pelo entrar para Minas : eis-aqui os vocabulos constantemente usados em todas as ordens, instrucções, e provisões que regulam, e explicam o methodo da exacção no registo do Rio Pardo.

Em commercio, e finanças se chama *genero* aquillo, e só aquillo que se tem para vender. Assim o dono de um navio nunca chama *generos* os mantimentos da tripulação ao mesmo tempo que dá esse nome ás carnes salgadas, e bacalháo que o seu navio traz para vender.

O agricultor quando colhe nos armazens seus trigos e mais cereaes denomina os seus *generos* : mas quando os recolhe na dispensa para uso de sua casa, então já lhe não dá o nome de *generos*, mas sim o de mantimento.

Basta por tanto lançar um golpe de

vista para o principio do *formulario* dado pelo contador de Ouro Preto por ordem da junta ao administrador do registo em 20 de Novembro de 1828, para se conhecer ao primeiro intuito, que só pagam direitos as cousas que se trazem para serem vendidas, porque o formulario expressamente diz — *Preços que devem pagar os generos.* — E é absurdo demasiadamente redondo chamar genero a roupa que se vem vestindo e mudando durante a jornada, a carne que se vem comendo, o vinho que se está bebendo. E se ha por ventura tropeiros tão miseraveis que viajam com uma só camiza no corpo e duas ropaduras no fundo de um surrão, não está nessas circumstancias qualquer outro homem que tenha um pouco de fortuna, pundonor, e educação.

E se não fosse assim o que acabo de dizer, isto é, se se entendesse a letra e como soam as palavras do sobredito formulario, então eu deveria pagar direitos dos dois barricotes de agoa, pois elles fazem uma carga, e uma carga de

agooa é exactamente uma carga de mo-
lhado ou de liquito, e o formulario não
faz excepção da agooa, a qual tambem
se vende em todo o mundo e mesmo
em barris, como é costume vendê-la
no Rio de Janeiro, Lisboa, e n'outras
cidades bem cultas e ricas.

Mas quem haverá que diga, deva
eu pagar direitos dos barris de agooa?
Ninguem certamente, a não ter per-
dido o cerebro. Eis o que tambem se
deve dizer dos meus cavallos que vieram
solto, sem sella, e sem carga.
Vieram, sim, em pello; mas nem por
isso devem pagar cousa alguma, por
as palavras do formulario se restringem
aos cavallos que se trazem para
vender. Tanto é assim que na provi-
são da Junta da Fazenda de 23 de Ja-
neiro de 1811 assignada pelo Conde
de Palma se faz differença clara e es-
pecifica de *animaes novos*, que pagam
direitos, a *animaes do cotoiro da tropa*;
porque em fim quem possui tres
ou quatro cavallos de sella, como eu
posso, bem os póde trazer todos na

jornada, para ter mudas, e montar, ora n'um, ora n'outro, como eu faço toda a vez que me apraz.

Com estes dados prestabelecidos é facil concluir, que já mais posso ser obrigado a pagar direitos dos meus escravos, por quanto, todas as ordens e Instrucções do Registo só fallam de escravos *novos* positiva e claramente. E entre tantas ordens e provisões que tem o archivo do Registo, apenas o formulario de 1828 é que falla tambem em escravos *ladinos* feitos *generos*. Porém o nome de escravos *novos* ou *ladinos generos*, nunca em parte alguma competiu a uns escravos, que não vieram para serem vendidos, mas só para acompanharem e servirem seu senhor, a quem de facto servem ha annos, uns herdados, outros comprados, todos bem habilitados em alguma applicação util.

Ora causa em verdade bastante admiração, que estando creado ha tantos annos este Registo, e havendo nelle tantas ordens e provisões antigas, não se encontra todavia a expressão *escravos*

ladinos, se não naquelle celebre formulario de 1828 já referido, quando pelo direito positivo e claro da Constituição não era permitido nem mesmo ao Imperador interpetrar leis, se não é que esse formulario envolve uma lei puramente nova. Eu porém de bom grado quero crer, que o contador extrahiu aquelle artigo de alguma ordem ou decreto anterior á Constituição. Com tudo nem por isso devem pagar direitos meus escravos porque já mostrei que esse artigo contempla os escravos *generos*, e este nome só compete aos escravos que se trazem para vender.

Além disto, sem embargo de haver o administrador requerido e sollicitado esclarecimentos sobre escravos *ladinos* e mudança e regresso dos tropeiros; com tudo o negocio ficou no mesmo estado e as duvidas não foram sanadas, por que nem o Procurador da Corôa na sua resposta, nem a Junta no seu ultimo e definitivo despacho, nem o Contador no formulario; nenhum delles declarou que deyam pagar direitos dos es-

cravos do seu uso e serviço os tropeiros que se mudarem da Bahia para Minas ou que voltarem de Minas para a Bahia: dizem unicamente que se observem as ordens existentes e que as ordens são pagar-se direitos dos escravos novos e ladinos. Quaes são porém esses escravos? Serão todos indistinctamente, ou são só aquelles que se tem para vender, por serem generos??? Se são todos os escravos, porque o formulario não distingue; então deveria tambem pagar direitos dos barris d'agoa, panellas de cobre e ferro, caixas de roupa, e broacas de mantimento. E se não devo pagar destas cousas direito algum, apesar do formulario não distinguir; então não devo tambem nada dos escravos, porque a razão é sempre a mesma.

E que se me dirá, se eu fizer vêr que aquellas palavras — *entrar para dentro dos limites de Minas* — querem dizer — *ficar vendido em Minas*! . . . Pois é assim com effeito: e para prova de ser exacto e que assevero, basta lêr-

se o nota bem do formulario de 1828.
Ahi se exprime o contador pela ma-
neira seguinte: — «Se pelo Registo
«passarem alguns effeitos para a Capi-
«tania de Goiaz, se descreverão os
«mesmos com essa declaração no livro
«do Registo e se passará guia delles
«para ser apresentada ao commandante
«da Villa de Piracatú, afim deste ar-
«cadar a importancia dos direitos dos
«generos que ahi se depozerem e não
«se conduzirem para a dita Capitania.»

Quanto é exotico, absurdo e risivel,
exigir tributo só pelo mero facto de
entrar nas raias de uma provincia,
como se fôra isso negocio de vên tou-
ros de palanque, ou comedias de pla-
téa !!

Foge uma vez de um creador bahia-
no e seu vaqueiro escravo corre para
Minas após do gado fugitivo: eil-o pa-
gando 7 \$ 800 réis por entrar em Mi-
nas. Vem o escravo de um bahiano ou-
vir missa, passear ou refugiar-se em
os limites de Minas, eil-o pagando réis
7 \$ 800 se é crioulo, ou 12 \$ 800 réis se

é africano, e isto por ter fugido, passeado ou ouvido missa. Passa um proprietário da Bahia, que tem terras em Minas, com escravos a trabalhar no seu campo; eito pagando por cada um escravo sete, ou doze mil e tantos réis. O senso commum, Sr. Administrador, não tolera tanto disparate, e asneira, nem tanta ladroeira.

Nem a provisão de 11 de Maio de 1827 tem relação alguma com a especie presente da minha questão. Eu não pertendo isentar-me de pagar o que devo, pela razão de ser magistrado: o que digo é que não devo pagar porque a lei o não manda. Os magistrados nunca foram isentos de contribuir igualmente como os outros cidadãos, e sempre foi verdade eterna nos codigos de todos os governos ainda os mais absolutos e despoticos que a lei é igual para todos. A Junta da Fazenda commetteu um erro grave, locupletando os tratantes, que sob os auspicios do nome do magistrado extraviam os direitos nacionaes, visto que

encommendas daquella natureza são na realidade generos e não cousas de uso; por quanto o morador do Rio Pardo, por exemplo, mandando vir da Bahia uma barrica de bolacha, não póde usar della, em quanto não entrar dentro de Minas e do Registo e só depois que a tem no seu poder, ou por outra fórma a recebe do tropeiro conductor, então é só então é que usa. De maneira que sendo o *uso* posterior á sua entrada no Registo não se póde dizer que é de *uso* a fazenda registada; tem sim potencia para ser usada, mas não tem uso actual.

Pelo contexto da referida provisão se collige que ella só attendeu ao caso de ser a encommenda trazida por conta e risco do tropeiro, para ser depois entregue ao magistrado e então paga por este. O mesmo declara ella a respeito dos generos trazidos para serviço e uso dos armazens nacionaes: signal evidente de tocar só essa especie, por que se se referisse tambem ao caso de vir o genero desde a Bahia por conta

e risco e na tropa da nação se via uma loucura e brincadeira de meninos exigir a nação direitos de si mesma, como aquelle avarento e tolo que pedia emprestado á sua propria gaveta, quando precisava um vintem para sardinhas.

Fica pois fóra de duvida que aquella antiga isenção era realmente um privilegio concedido ao tropeiro, e não ao magistrado, pois que este ainda não tinha o dominio do genero que passava pelo Registo, e pertencendo ainda então ao conductor o direito real da coisa, devia elle pagar o imposto, por isso mesmo que trazia coisa *para vender* ao Magistrado.

Eu creio haver demonstrado convenientemente não dever pagar direitos alguns nem das minhas cargas nem dos meus cavallos e escravos: alleguei razões bastantes todas juridicas, naturaes, claras, e fortes. Entretanto se é ainda necessario alguma outra, eu a tenho e com ella vou finalizar minha arenga.

A pratica deste Registo na arrecada-

dação dos direitos dos escravos ladinos foi sempre com os que entram em Minas vindo da Bahia. Assim o confessa expressamente o Sr. Administrador na petição feita á Junta em 1828 exigindo esclarecimentos. A Junta em seus despachos confirmou tacitamente aquella pratica e o fez expressamente na provisão de 19 de Novembro de 1824 : ora eu não sou morador na Bahia, nem de lá venho : eu venho do Ceará, meu passaporte o prova evidentissimamente : logo, mesmo pela pratica do Registo, eu não tenho obrigação de pagar direitos. Quando se vem de Ouro Preto para Rio Pardo, não se diz que vem do Tejuco, sem embargo de haver estado naquelle arraial : outro tanto me aconteceu a mim. Estive na Bahia, mas eu não vim da Bahia, vim do Ceará. E pois a pratica do Registo é entender tudo ao pé da letra e som das palavras ; eu invoco essa mesma pratica em meu favor. ²

² Aquella razão de não ter vindo da Bahia é sem duvida uma razão de cabo de esquadra,

Espero em consequencia que a honra e sincera probidade do Sr. Administrador façam o devido apreço das razões que acabo de enunciar; ficando porém na certeza de que eu procedo em boa fé, e que estou prompto a

e por isso a colloquei no feixo da arenga, depois de haver elucidado bem a materia toda. Mas era um argumento capaz de convencer aquella gente, que á objecção dos barris de agoa me dizia: Oh! isso não, *porque é agoa.* — E as caixas de roupa? — Oh! não *porque é roupa.* — E os escravos? — Isso sim *porque são escravos.* Com juizes taes ninguem podia ser mordomo com effeito. Pouco mais, pouco menos, ouvi a um empregado da contadoria do Ouro Preto que se metteu na questão um dia que lá fui vêr os papeis concernentes ao caso. — A roupa não devia pagar, porque eram só tres cargas. — E se eu viajasse como o lord Potenkin que só de musicos trazia sempre oitenta na sua comitiva? — Ficou o jurisconsulto embasbacado e metteu a viola no sacco, pois nem penetrou o que eu disse.

E gente tal governando
Que mal sabe o a b c!
Geme o povo, ri-se o sabio,
Mas não ri sem vêr de quê.

— 131 —

dar o dinheiro, immediatamente que forem destruidos os argumentos, em que fundei a justiça da minha causa.

Deos Guarde etc. etc.

FIM DA ELUCIDAÇÃO JURIDICA.

DOCUMENTO

*De que se faz menção no § 8
do Cap. 16.º da Viagem.*

A Junta da Fazenda, a quem foi presente o officio de V. S.^a com o fecho de 24 do corrente, acompanhado do projecto de instrucções para os Registos estabelecidos nos limites desta Provincia, me incumbiu de expressar a V. S.^a o seu agradecimento pelo zelo que V. S.^a neste trabalho manifesta ácerca da boa ordem na administração dos mesmos Registos em utilidade publica, e particular dos viandantes. O que com prazer levo ao conhecimento de V. S.^a aproveitando a occasião para significar os sentimentos da maior estima com que a V. S.^a considero.

Deos Guarde á V. S.^a Imperial Cidade do Ouro Preto, 27 de Maio de

1830. Illustrissimo Sr. Doutor Philippe Alberto Patroni Martins Maciel Parenti, Juiz de Fóra eleito da Praia Grande e Maricá. — O Escrivão Deputado da Junta, *João Joaquim da Silva Guimarães.*

FIM DO DOCUMENTO.

INDICE

DA VIAGEM DE PATRONI PELAS PROVINCIAS BRAZILEIRAS.

PARTE III.

Viagem de 148 leguas, desde o Casal do Regapé na Provincia da Bahia, até á cidade de Ouro Preto, capital de Minas Geraes.

PAG.

CAPITULO XII. — Partida do Regapé. O Sr. Moreira caçador de perdizes com arte. Mineração de Amethystas. Registo do Rio Pardo. O Abrahão brasileiro 5

CAPITULO XIII. — O author chega ao arraial da Itacambira, e

compra a Lavra da Chapada. Descrição deste casal, e de seu gabinete philosophico. O rio das Mucahubas, e o da Jequitinhonha. O doutor João Fernandes. O Tejuco e a Junta. O redactor do Ecco. O commercio dos diamantes

22

CAPITULO XIV. — Villa do Principe. Um rabula sujo de sempiterna jaqueta. Errada notavel de caminho. Fôrma cinica de beber agua. O arrieiro fazendo tutu a uma criança para topar com o seu amo perdido. O fado tocando matraca em quarta feira de trevas

42

CAPITULO XV. — Casas de encomenda. Os naturalistas caçando todos os dias. Serra do Caraça. O corpo de S. Pio. O irmão Lourenço. Estalagem das Cabeças. O pagem do Sr. Manoel o infeliz. Dirceu e sua amada. Marilia de Aprinto (Patróni)

52

PARTE IV.

*Viagem de 74 leguas, desde Ouro Preto,
capital da Provincia de Minas Geraes
até á cidade do Rio de Janeiro.*

PAG.

CAPITULO XVI. — A questão do Rio Pardo decidida. Salubridade e passadio em Ouro Preto. Sepultura em que esteve enterrado o author. Instrucções para os Registos 69

CAPITULO XVII. — O mar de Hespanha coberto de Capim. O volta tu, não volto eu. A Ordem Dorica do Sr. Padre José Pinto. Os anarchistas do Xipoto. As canellas da mãe Catharina na cama. O logar com-

mum das historias do Campello. O tenho meu moinho. O Sr. Vidal e os boletins do Impera- dor. O Registo da Paraibuna.	76
• CAPITULO XVIII. — O qui pro quo de Paraiba. A Sr. ^a Anna e o Pati do Alferes. A Sr. ^a Cle- mencia e o caracter brasileiro. Os olhos cegos do governo. Os ladrões da côrte. O pinhal da Azambuja. Fim da Viagem. .	89
ROTEIRO dos logares em que es- teve e passou o author desta Viagem.	99
ELUCIDAÇÃO juridica dos direitos fiscaes sobre os escravos ladi- nos, ou do uso e serviço dos viajantes na Provincia de Mi- nas Geraes feita pelo author desta viagem, por occasião da controversia que teve com o Administrador do Registo do Rio Pardo	115
DOCUMENTO de que se faz men- ção no § 8 do cap. 16 da Via- gem.	133